

CLEIDE CARNEIRO

PERCEPÇÃO DE IDENTIDADES NO TRABALHO VOLUNTÁRIO:
ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA

FRANCA
2001

CLEIDE CARNEIRO

PERCEPÇÃO DE IDENTIDADES NO TRABALHO VOLUNTÁRIO:
ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA

Tese apresentada à Faculdade de História,
Direito e Serviço Social da Universidade
Estadual Paulista - UNESP – Campus de
Franca, para obtenção do Título de Doutor em
Serviço Social.

Orientadora: Profa. Dra. Noemia Pereira Neves

FRANCA
2001

CLEIDE CARNEIRO

PERCEPÇÃO DE IDENTIDADES NO TRABALHO VOLUNTÁRIO:
ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA

COMISSÃO JULGADORA
TESE PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE DOUTOR

PRESIDENTE E ORIENTADORA: Dra. Noemia Pereira Neves.

1º EXAMINADOR Dr. José Jackson Coelho Sampaio

2º EXAMINADOR: Dra. Helen Raiz Barbosa Engler

3º EXAMINADOR: Dra. Maria Zita Gera

4º EXAMINADOR: Dra Lilia Cristina de Oliveira

Franca, 22./outubro/ 2001.

DEDICATÓRIA

Aos trabalhadores, que ontem e hoje estão presentes construindo minha vida: João Batista e Eva, Cleusa, José Cláudio, Antônio Carlos, Paulo e Josep.

AGRADECIMENTOS

A Profa. Dra. Noemia Pereira Neves, agradeço profundamente por estes anos de tão fértil convivência, em busca de verdades, não apenas científicas mas de muita amizade.

Ao Prof. Dr. José Jackson Coelho Sampaio, agradeço profundamente pela caminhada intelectual e de amizade, pela ajuda essencial, sem a qual tudo seria muito difícil, nesses anos de pós –graduação.

Ao Prof. Dr. Josep Pont Vidal , agradeço profundamente pela presença constante, incentivadora, crítica , apoiando-me na produção desta tese.

À Profa.Ms. Izabel Cristina Ferreira Borsoi, pelo amparo familiar e intelectual, imprescindíveis nesses dias de Fortaleza.

Ao Prof. Ms Erasmo Miessa Ruiz, amigo constante de várias horas.

À Prof. Ms. Neise Távora, pelo incentivo compartilhado e sua disposição em aceitar o novo, nos movimentos sociais e na vida.

Aos estudantes: Ana Paula Dias de Freitas , Sandra Costa Lima, Érika Santiago, Lucila Paes Landim Santana, pelo vigor e curiosidade com que compartilharam comigo seus campos de trabalho e estágios.

Aos trabalhadores voluntários, que tão gentilmente colaboraram com este trabalho: Bernardo, Josimar, Vilma e Lúcia.

A verdade não se revela de forma absoluta em um ou outro texto teórico, interpretativo da realidade objetiva. Cada interpretação contém uma faísca de verdade...

J. Habermas.

RESUMO

A presente tese tem como propósito investigar trabalho voluntário, considerando o lugar estratégico que ocupa nas sociedades complexas, modernas e globalizadas, e, surpreender, na trajetória histórica pessoal de alguns sujeitos paradigmáticos, as formas de comparecimento do trabalho voluntário: modo de apropriação, tática de inserção primária para futura inserção formal no mercado de trabalho; ou modo de reapropriação, tática de recuperação do valor humano do trabalho, capaz de superar simbolicamente os percalços da alienação. Para tanto, fez-se necessário traçarmos mapas dos conflitos enfrentados pelos sujeitos paradigmáticos, (Subgrupo de Apropriação) e (Subgrupo de Reapropriação), e das soluções encontradas por eles na manutenção de perfis satisfatórios à composição de uma identidade criativa. A partir da aplicação de Entrevistas, foram coletados os discursos. A interpretação dos depoimentos teve como base a Análise de Discursos e o uso das categorias: trabalho(ontogênica), ser social, concepção de mundo, ideologia(operacionais) e modo de apropriação e modo de reapropriação (explicativas). Os principais resultados do mapa de conflitos são: dificuldade em conciliar condição ideal de qualificação profissional com ausência de trabalho remunerado, constrangimento em auferir reconhecimento profissional em trabalho voluntário, incompatibilidade entre exercício de projeto social e necessidades de consumo; ausência de satisfação e compensações e significados no trabalho remunerado, desgaste, constrangimento, inexplicáveis sentimentos de vazio. Os principais resultados encontrados para o subgrupo de apropriação: trabalho voluntário é exercido como lugar de formação profissional, curricular, transição, espera de treinamento primário em serviço a preencher o vazio da ausência do trabalho remunerado. Para o subgrupo de reapropriação: trabalho voluntário é resultado vitorioso, um processo de compensações, reacomodações, reconstrução de significados e objetivos, explicações e justificativas reparadoras, antídoto eficaz para o mal estar difuso, para o sofrimento psicológico decorrente de impasses e dissonâncias.

ABSTRACT

The present thesis has the purpose of investigating the volunteer work, considering the strategic place that it occupies in complex, modern and globalized societies, and to surprise, in the historical personal trajectory of some paradigmatic people, the forms of volunteer work attendance: way of appropriation, tactic of primary insertions for future formal insertion in the working market; or way of reappropriation, tactic of recuperation of the human work value, able to overcome symbolically the perquisites of alienation. For all, it was necessary to draw maps of conflicts that were faced by the paradigmatic people (subgroup of appropriation) and (Subgroup of reappropriation), and of the solutions found by them in the maintenance of satisfactory outlines to the composition of a creative identity.

From the application of interviews, the speeches were collected. The interpretation of the testimonies had as basis the Analysis of Speeches and the use of the categories: work (ontogeny), being social, world conception, ideology (operational) and way of appropriation and reappropriation (explanatory).

The main results of the map of conflicts are: difficulty in conciliating ideal condition of professional qualification without salary, embarrassment in gaining professional recognition in volunteer work, incompatibility between exercising social projects and consumption needs; absence of satisfaction and compensation and meanings in paid work, wastage, embarrassment, incomprehensible empty feelings.

The main results found for the appropriation subgroup: volunteer work is practiced as a place of professional formation, curricular, transitional, wait of primary training in service to fulfill the emptiness of the unpaid work.

For the subgroup of reappropriation: volunteer work is a triumphant result, a process of compensations, reacomodations, rebuild of meanings and objectives, repairing explanations and justifications, efficient antidote for the diffuse unrest, for the psychological suffering due to the impasses and dissonances.

RESUMEN

La presente tesis tiene como propósito investigar trabajo voluntario considerando el lugar estratégico que ocupa en las sociedades complejas ,modernas y globalizadas; sorprender en las trayectorias históricas personales de los sujetos " paradigmáticos" las formas de comparecencia de lo trabajo voluntario: modo de apropiación, táctica de inserción formal en el mercado de trabajo, o modo de reapropiación , táctica de recuperación de lo valor humano de el trabajo, capaz de superar simbólicamente los percance de la alineación. Para tanto hace necesario trazarnos mapas de los conflictos entretados por los sujetos paradigmaticos(subgrupos de apropiación) y (subgrupos de reapropiación); y las soluciones encontradas por ellos en la manutención de perfiles satisfactorios en la composición de una identidad creativa .

Los discursos foran cogidos por medio de entrevistas individuales y sus interpretaciones hace como apoyo a "análise de discurso" y lo uso de las categorías : trabajo (ontogenica), ser social, concepción del mundo, ideología (operacionais) ; modo de apropiación y modo de reapropiación (explicativas).

Los principais resultados del mapa de los conflictos encontrados indican: dificultad en conciliar condición ideal de calificación profesional con ausencia de trabajo remunerado, constranimiento en obtener reconocimiento profesional en trabajo voluntario, incompatibilidad entre ejercicio de projeto social y necesidad de lo consumo, ausencia de satisfacción y significados en el trabajo remunerado, desgaste , inexplicables sentimientos de vacío. Los resultados encontrados para el subgrupo de apropiación : trabajo voluntario es ejercido como lugar de formación profesional curricular, transición, espera de entrenamiento primario en servicio a cumplir el vacío de la ausencia de lo trabajo remunerado.

Para el subgrupo de reapropiación: trabajo voluntario es resultado victorioso; un proceso de compensación, reacomodación, reconstrucción de significados y objetivos, explicaciones y justificación restauradora , antídoto eficaz para malestar difuso, para sufrimiento psicológico resultante de impasses y disonancias.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. Considerações Gerais	13
2. Das identidades do trabalho: como é difícil ganhar o pão do dia	18
3. Das transformações societárias e do trabalho remunerado	20
4. Das transformações societárias e do trabalho voluntário	27
5. Da construção da identidade do trabalhador	33
6. O lugar do trabalho na construção da identidade	35
7. Dos objetivos da presente tese	35
METODOLOGIA	37
1. Referencial Teórico	37
2. A questão dos instrumentos	40
3. Procedimentos de análise	41
4. A investigação	42
5. As instituições	43
6. Categorias principais e premissas operacionais	44
7. Modo de exposição	46
CAPITULO I: DA IDENTIFICAÇÃO DOS TRABALHADORES E DOS SUBGRUPOS	48
1. A história de cada um	48
2. Caracterização do grupo total	50
3. Caracterização do subgrupo de apropriação (Bernardo e Lúcia)	51
4. Caracterização do subgrupo de reapropriação (Josimar e Vilma)	54
5. Caracterização cruzada dos subgrupos	56

CAPITULO II: DO TRABALHO VOLUNTÁRIO COMO TÁTICA PRIMÁRIA DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DO TRABALHADOR ..	59
1. O emprego, cadê? O sonho acabou	59
2. Meu trabalho é voluntário, como tática	64
3. Das dimensões do viver: instâncias de mediação indivíduo X sociedade....	68
CAPITULO III: DO TRABALHO VOLUNTÁRIO, E DA SATISFAÇÃO DE TRABALHAR	74
1. Da vitória em obter emprego à insatisfação do trabalho	75
2. Recuperando a satisfação no trabalho pelo trabalho voluntário	81
3. Reapropriação, sempre, constante, segundo a necessidade de cada um ..	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
1. Das táticas de apropriação à construção da identidade	86
2. Das táticas de reapropriação à satisfação recuperada	89
3. A reapropriação pela solidariedade	92
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	94
ANEXOS	98

LISTA DE QUADROS

QUADRO

1. Mapa de tópicos discursivos prevalentes , agrupados em famílias de sentidos 57
2. Mapa de estrutura frásicas prevalentes

INTRODUÇÃO

1 - Considerações Gerais

Investigar trabalho e identidade, a partir da compreensão do lugar que o trabalho ocupa na construção do ser humano, e das ameaças a que está submetida a classe trabalhadora, no modo de produção capitalista, tornou-se exercício constante e fio condutor de nossas pesquisas.

Embora seja o meio que o homem encontrou para existir no mundo, trabalho ainda se encontra maltratado, vítima de concepções políticas e científicas errôneas e, como conseqüência, segue maltratando inúmeros trabalhadores.

O campo desse estudo contempla as singularidades e as contradições peculiares à natureza do trabalho e do trabalhador, experiência humana que permite a mais alta satisfação mas também a mais alta angústia, e que determina felicidade/infelicidade no jeito de inventarmos a vida.

É a partir deste lugar paradoxal construído por homens e mulheres, incrustado no modo de produção das relações sociais, que nos dispomos a estudar o trabalho, destacando a questão do trabalho voluntário, cuja ampliação, nos dias de hoje, resulta em novos tipos de satisfações e ameaças aos trabalhadores, no desempenho das atividades assalariadas.

Podemos perceber que profundas mudanças estão ocorrendo no mundo do trabalho, desde a década de 1970, e, dentre os contribuintes do fenômeno, provavelmente o mais relevante é a histórica necessidade de expansão contínua do capital.

Em decorrência, várias instâncias da sociedade estão sendo alteradas: crenças, hábitos e costumes adquirem novos significados e estabelecem novos modos e jeitos de viver. No entanto, é na esfera do trabalho, em razão de seu lugar específico na construção da sociabilidade, o lugar onde podemos perceber as transformações de maior significado.

Com a saturação do padrão fordista de acumulação capitalista, o mundo do trabalho, capitaneado pelo toyotismo e pela reestruturação tecnológica, reorganiza-se em um modelo onde competitividade e produtividade respondem por uma extensa e sofisticada rede financeira, mercadológica e de serviços, multiplicando exponencialmente o poder acumulativo do capital.

A globalização da economia e a reestruturação produtiva atingem sobremaneira a classe trabalhadora, pois, ao incorporar o conhecimento científico no processo de produção, sem a correspondente mudança nas instâncias valorativas do consumo e da ética, profundas mudanças se fazem sentir, trazendo em seu bojo um aparente colapso do trabalho enquanto categoria central estruturante da sociabilidade.

Como resultado deste cenário, temos a ampliação do desemprego estrutural, além dos clássicos tipos, conjuntural e tecnológico, com crescente redução do campo industrial de trabalho e expansão do setor de serviços. Para Oliveira (1996):

O fato fundamental de nossos dias é que o trabalho manual está desaparecendo como fenômeno sócio-econômico, isto é, muitos perderam a possibilidade mesma de trabalhar, se o homem hoje perde seu trabalho, numa sociedade como a

moderna, que fez do trabalho a motivação fundamental da ação humana, ele perde o sentido da vida (p.177).

Agredado a esta contradição inerente ao uso das tecnologias avançadas, a retirada do Estado frente à condução das políticas sociais, projeta um futuro sombrio para o destino de inúmeros trabalhadores.

A opção neoliberal seguida pela maioria dos Estados possibilita riqueza para os centrais e dependência para os periféricos e coloca a sociedade civil destes últimos refém da retirada estratégica desses Estados. Este fato redimensiona a posição do poder público por meio de sua des-responsabilização e instala um novo patamar de exigências para as sociedades em desenvolvimento, pois determina incremento dos segmentos populares em condição de miséria e aprofunda radicalmente as desigualdades sociais.

O desencanto que atinge a classe trabalhadora revela-se na dificuldade de transpor os desafios colocados para as suas instâncias representativas. Todo o potencial criativo e defensivo esvai-se na procura de novas opções de sobrevivência, tanto para o indivíduo trabalhador, como para as categorias específicas e para a classe.

Consideramos que as inúmeras formas com que o trabalho hoje se apresenta - informal, precário, terceirizado, prestação de serviço, part-time e voluntário - representam formas de enfrentamento à barreira estabelecida pelo capital para a ascensão de parcelas crescentes de trabalhadores ao consumo e à realização social.

Tais fenômenos acontecem com pequena amplitude nos países do capitalismo central, estimulados pela ética da colaboração e baseado em treinamento inicial ou em recuperação social de aposentados. Nos países periféricos, devido à diminuta proteção social, a magnitude já ultrapassa a do trabalho formal. O Estado de Bem Estar Social passou e aconteceu para poucos.

Diante das ameaças a um futuro promissor, com aposentadoria garantida e significativa, planos de saúde e lazer cultural prazeroso, instala-se o imponderável das incertezas cotidianas e da competição globalizada e vazia. Vivemos perigosamente sem futuro. E o passado era uma aposta neste futuro que não chegou.

Como realizar uma identidade, buscada e atribuída, numa experiência social de vazio dever ser? Como ser um não/ser, um não/trabalhador? Há que se buscar caminhos respostas, mesmo que sejam um atalho encontrado no meio de uma fuga alienada ou realização de novas possibilidades criativas, aquém ou além do poder do capital.

O trabalho concreto não está em extinção, mas sofre transmutações em razão dos novos processos científico-tecnológico-gerenciais, postos a serviço da acumulação do capital e não das necessidades subjetivas do homem, embora nelas se justificando.

Trabalho é função física e mental inalienável, é o modo pelo qual o homem se constrói, construindo a humanidade. O pulsar da sociedade só se revela diante da essência de sua própria criação, e, em contrapartida, o capital, desde sua implantação como modo social de produção, engendra as relações entre os homens e estes, por sua vez aderidos aos resultados desses mecanismos, confrontam-se no cotidiano dividindo formas impiedosas de sobrevivência.

Mesmo assim, é através do trabalho que a reconstrução diária do homem e de sua hominidade acontecem, e que a sociedade pode vir a superar as contradições de um viver destituído de significado.

As possibilidades de superação estão no trabalho concreto, superada a lógica exploratória do trabalho abstrato, pois este acontece na medida das necessidades humanas e é tão diversificado quanto forem essas necessidades, permitindo ao ser humano significar-se, distinguir-se e universalizar-se.

No entanto, na sociedade capitalista o trabalho é acentuadamente abstrato, valorizado pelo poder e pelo valor de troca que encerra. Como superar esse ardil, como enfrentar esse desafio da universalização de uma alienação sutil e estruturante (Shaff, 1979).

Sabemos que a identidade dos indivíduos, numa sociedade de mercado, é identificada pela renda auferida, classicamente via salário. Renda e status determinam posição de classe e esta determina posição na vida. Se os indivíduos respondem concretamente pela posição abstrata que ocupam na sociedade, quais mecanismos

objetivos e subjetivos desenvolvem nesse exercício ao longo de suas vidas? Como executar o concreto e garantir sua intervenção na construção do humano?

Neste momento, de mais uma grande crise do capital, à medida que o Estado se minimiza e se desvincula das obrigações de proteção universal da cidadania, estamos registrando há algumas décadas a mobilização da sociedade civil em novos movimentos sociais Vidal (1997;2001), o que nos abriga a estudar a composição multifacetária desses movimentos que cada vez mais assumem crescentes parcelas das políticas públicas, por meio das parcerias com o Estado (primeiro setor), aliada ao segundo setor (mercado), constituindo-se em um novo/velho terceiro setor, onde podemos constatar a participação de grande contingente de trabalhadores exercendo suas atividades de trabalho de forma voluntária.

A cada dia são maiores os obstáculos encontrados pela classe trabalhadora para exercer legitimamente seu direito ao trabalho, assim o trabalho voluntário pode representar (significar) uma possibilidade de composição, construção e reconstrução de identidades fragmentadas, e não apenas ser parte coadjuvante junto ao Estado na composição política requerida pela ordem social em andamento?

Perceber esta possibilidade nos remete a revisitar tradições clássicas e contemporâneas da Psiquiatria, da Psicopatologia e da Psicologia Clínica, que nos oferecem um legado de categorias muito importantes para a compreensão do comportamento humano. Um deles é o de função mental, destacando-se a percepção, a orientação, a memória, a inteligência, a atividade, a afetividade e a imaginação.

Para os objetivos do presente estudo, convém que haja uma parada exploratória no conceito de “percepção”, a capacidade da consciência de apreender, pelos sentidos (sensação), além de um primeiro nível de hierarquização e julgamento de valor. Familiar ou estranho, ameaçador ou tranquilizador, útil ou inútil? A percepção, portanto, nos remete a uma aproximação que a consciência faz de qualquer elemento do mundo objetivo e de qualquer interrelação possível entre tais elementos, pois “a consciência é, desde o início, um produto social, e no início é consciência do meio sensível mais próximo, é consciência de conexões limitadas com outros e coisas.(Marx & Engels, s/d).

A capacidade humana de significar o seu agir através da linguagem, permite construir e ser construída pela história cotidiana, enquanto ação especificamente humana. Assim, percepção nos autoriza apreender identidade como algo contraditório, igual e diferente, essência e aparência, homogêneo e heterogêneo, como nos fala Ciampa (1995), donde deduz-se identidade como resultado-síntese do agir humano, permanentemente atravessado pela conflitualidade, dependente de trabalho, linguagem e poder. Tais contraditórios, atravessados pela alienação e reconstruídos pela ideologia, podem ser melhor compreendidos a partir do uso da categoria “modo de reapropriação”, desenvolvida por Sampaio (1994; 2001).

Para Sampaio (1994; 2001), é na Psicologia e na Psiquiatria que encontramos a maior contribuição para tratarmos do modo como os indivíduos em particular buscam proteger-se da ruptura aparential subjetividade/objetividade:

Se o trabalho feito mercadoria expulsa o projeto, expulsa o sonho, fica revelado a cada dia que o futuro nos escapa; se a ruptura aparential passa a ser inerente às formas de organização da produção e se torna onipresente, é preciso que o ser humano encontre formas de ressignificar e reconstruir a diacronia subjetividade/objetividade; ter um hobby, buscar uma religião, sofrer e/ou adoecer, e a todo custo evitar morrer (p.80).

A investigação do trabalho como mediador de sociabilidade e elemento constituidor de consciência, tanto nas dimensões de subjetividade e de personalidade, como nos níveis de identidade e de criatividade, nos impõe fazermos uso das categorias alienação e ideologia como compositores de padrões de estruturas subjetivas e objetivas.

Compreendendo alienação como “síntese das experiências de expropriação das possibilidades de objetivação do ser humano, resultando em cadeias de estranhamento e antagonismos entre produtor/produto, como resultado das relações de produção” e ideologia como “conjunto de normas e princípios que orientam, sustentam e justificam, teoricamente, a ação das classes, desenvolvido e/ou incorporado pelo indivíduo em sua ação cotidiana, ocultando a fonte externa, a

historicidade e a parcialidade”, conforme Sampaio (2001), podemos reelaborar conflitos, possibilidades de ruptura e os determinantes de ambas.

2 - Das identidades do trabalho: como é difícil ganhar o pão do dia.

Ao buscarmos os significados do trabalho através dos tempos e das culturas, nos deparamos com a própria história da humanidade e com um fenômeno mágico, sempre duplo (concreto e abstrato), realizador de sonhos e *locus* de inúmeros sofrimentos.

Assim é que, para Mills (1976):

Trabalho pode ser visto como um mero ganha pão, ou como a parte mais significativa da vida interior; pode ser encarado como mera expiação ou como uma expressão exuberante de si mesmo; como um dever inelutável ou como o desenvolvimento da natureza universal do homem (p. 233).

Na Grécia Clássica, trabalho estava separado das boas virtudes humanas, pois era destinado aos escravos, era um mal físico necessário, uma labuta penosa evitada pela aristocracia e pelos homens de espírito. Na Idade Média Cristã, passou a ser visto como oportunidade de punição para os pecadores, redenção do pecado, exercício da caridade, saúde para o corpo e antídoto para o ócio. O Renascimento exalta o trabalho como ação de homens livres, úteis, construtores do mundo. A Reforma Luterana identifica o trabalho com vocação natural e obrigação moral do homem, aprendizado de disciplina e fonte de poupança.

O século XIX produziu um amálgama das concepções anteriores e o trabalho é visto como essencial ao homem, sujeito ativo e transformador da natureza. No pensamento de Marx (1980: 206), “*a essência do homem está no trabalho: aquilo que os indivíduos são coincide com sua produção, com o que eles produzem, e como a maneira de produzir*”.

Essas diferentes concepções durante muito tempo se destinaram a abordar os significados intrínsecos e extrínsecos do trabalho. As satisfações do trabalho são extrínsecas, para o Luteranismo, pois através do trabalho pratica-se um ato religioso,

o que garante um lugar entre os eleitos no paraíso. Para a herança Renascentista, trabalho aponta um significado intrínseco, mas como parte de uma técnica, manual e mental, satisfação colocada no próprio processo de trabalho.

Embora, nos dias de hoje, os significados medievais, renascentistas e luteranos estejam aparentemente desaparecidos, sobretudo em decorrência da identificação ter se voltado para o consumo e para a capacidade de endividamento, fatos como a ampliação do terceiro setor, amparado no trabalho voluntário, nos informa que a aparência vela heranças e tradições, retomando importâncias simbólicas e missões, para além de processos e resultados materiais.

Destas metamorfoses contemporâneas do trabalho ocupar-nos-emos agora.

3. Das transformações societárias e do trabalho remunerado.

As diferenças entre atividade humana e atividade animal estão colocadas onde o psiquismo humano, isto é, a consciência, exerce papel determinante no modo de operar e de impor projetos. Esta atividade humana específica e complexa, isto é, o trabalho, é consciente e proposital, faz uso do pensamento conceptual, mecanismo regulador e responsável pela realização da cultura, presente apenas no ser humano.

Por essa razão o ser humano realiza e expressa sua humanidade através da atividade trabalho, processo mediador pelo qual transforma a natureza transformando o trabalhador, gerando utilidade e relações sociais.

No capitalismo, podemos reconhecer uma dupla e contraditória natureza na forma como vivemos e exercemos a atividade trabalho: Concreta - criação de produtos úteis, valor de uso, que acontece na medida das necessidades humanas e é tão diversificado quanto forem tais necessidades, e permite ao ser humano espelhar-se significativamente. Abstrata - agrega ao produto o valor de troca, imprimindo-lhe homogeneização e distinção, tornando o produto universal e acessível via lógica da mercadoria e do dinheiro.

O valor de troca submete o valor de uso, embora não o faça desaparecer, e tal submissão reduz, constrange, deforma a força criadora autônoma do trabalho, tornando-a também mercadoria disponível num mercado, isto é, transformando-a em força de trabalho. Identidade social e posição de classe são auferidas mediante salário e determinam modos de pensar e viver a vida, pois os indivíduos respondem concretamente pela posição abstrata que ocupam na sociedade.

A consolidação do modo de produção capitalista passou por diversas fases, desde a mercantil, baseada na posse da terra, servos na Europa e escravos nas Américas; relações internacionais de natureza colonialista, legitimação dada pela Fisiocracia; passando pela industrial, baseada na posse da força de trabalho, operários e proletários empregados, relações internacionais de natureza imperialista, legitimação dada pelo Liberalismo; até a financeira atual, baseada na posse do dinheiro e na comunicação em tempo real, desregulação da força de trabalho, relações internacionais denominadas globalização, legitimação dada pelo Neoliberalismo.

Claro está que a implementação das fases de consolidação do capitalismo, tem como fio condutor os esforços dos empregadores em obter maior produtividade do trabalho, mas também resulta de um conjunto de processos político-conjunturais resultantes da dinâmica da luta de classes, das regras estabelecidas e do jogo travado cotidianamente entre indivíduos, categorias produtivas, empresas e países (Gramsci, 1989).

A superação de uma fase por outra não necessariamente ocorre de maneira uniforme e linear; rudes técnicas registradas no continente africano e na América Latina convivem com outras bastante sofisticadas, derivadas das inovações tecnológicas e gerenciais, tornando a jornada extensa porém difusa, pelas empresas e residências, via internet; o assalariamento extenso porém disfarçado em prestação de serviços e remunerações por horas ou projetos; e desemprego extenso, por sua vez disfarçado, eventualmente, em trabalho voluntário.

A saturação dos rígidos padrões de acumulação taylorista/fordista, cuja característica predominante é a gerência racionalizada, planejada e hierarquizada (Braverman, 1981) gerou um novo conjunto de forças produtivas, modelo este

capitaneado pelo toyotismo e pela reestruturação tecnológica em busca de melhores padrões de competitividade e elevação da produtividade. Entretanto, este modelo que se consolida como padrão hegemônico e que responde por uma extensa rede de capital financeiro e mercadológico globalizado, gera uma nova estrutura de serviços, em condição de ampliar o poder acumulativo do capital, mas não consolidou um novo padrão de desenvolvimento com sustentação ideológica precisa, muito pelo contrário o que este novo padrão oferece, por enquanto é “um mundo de incertezas” (Mattoso, 1995).

Para Antunes (1995), este modelo aponta para uma “múltipla processualidade”, determina novas formas de realização do processo de trabalho e gera transformações societárias reais e significativas: a crescente desproletarização do trabalho industrial em países de capital avançado, a diminuição da classe operária industrial tradicional e a expansão do trabalho assalariado a partir da expansão do setor de serviços.

A explosão da contratação de mão de obra feminina, do trabalho parcial ou temporário, do precário, sub-contratado ou terceirizado, constitui-se marca visível e retrata uma massiva heterogeneização e fragmentação do processo de trabalho, intermediado por um brutal desemprego em escala mundial.

A capacidade mistificadora do capital transforma em fetiche qualquer ação humana sempre que necessário; a mística está em tratar elementos científicos tecnológicos como elementos excluídos do processo produtivo, fora do alcance do capital para redistribuição de excedentes. O resultado da globalização e do uso da microeletrônica não necessariamente traz em seu bojo o fim do trabalho concreto/trabalho vivo, pois “*o capital não pode eliminar o trabalho vivo do processo de criação de valores, ele deve aumentar a utilização e a produtividade do trabalho de modo a intensificar as formas de extração do sobretrabalho em tempo cada vez mais reduzido*” (Antunes, 1999:119).

Este cenário precarizado remodela o Exército Industrial de Reserva e permite ao capital preservar regras primárias de acumulação, travestidas e veladas em modernidade ou processos solidários. Ao trabalhador resta assegurar, através dos mais diversos

mecanismos, sua identidade de trabalhador, pois carteira de trabalho e cartão da previdência pública, na maioria dos casos já não representam mais marca de coisa alguma.

A marca do contrato de trabalho afixada nas carteiras de trabalho identificava o portador de uma profissão, “o fazer nomeia e identifica o sujeito”, garantia o acesso a segurança mínima no presente e descanso merecido no futuro, no entanto com as novas exigências o cenário se reveste de outras cores, as da desobrigação, do descompromisso, da geração de excedentes para segurança e seguridade a serem retirados diretamente da renda e aplicados pelo trabalhador num novo mercado de seguros e seguridades, o dos planos privados de saúde e de previdência.

Bourdieu (1979), analisando a vigência de futuro para populações em risco eminente de sobrevivência, conclui que:

O esforço para dominar o futuro não pode ser realmente empreendido senão quando condições indispensáveis para que seja assegurado um mínimo de probabilidades de sucesso sejam efetivamente oferecidas (p: 108).

Não se trata, evidentemente, da ausência de futuro, em razão do fim do trabalho, pois este enquanto trabalho concreto, permanece como *locus* central de realização da natureza humana, mas sim da ampliação do desemprego e dos postos de trabalho à margem da estrutura formal do mercado de trabalho, ampliando a exploração da classe que vive de trabalho. Há uma metamorfose mistificada do trabalho abstrato.

O Relatório Mundial de Emprego da Organização Internacional do Trabalho-OIT (OIT, 2001), analisando dados referentes ao ano 2000, informa que um terço da força de trabalho mundial está desempregada ou subempregada, e que seriam necessários ao menos 500 milhões de novos empregos para reduzir o desemprego global.

Singer (1998) refere que a terceira revolução industrial trouxe aumento de produtividade, mas também a deterioração das relações de trabalho como conseqüência do aumento do desemprego e aumento da ocupação:

Pobres habitantes do mundo semi-desenvolvido sempre foram carentes de empregos, o máximo que tiveram em sua maioria, sempre foi estarem ocupados, nos dias de hoje a classe média em qualquer quadrante do mundo também se vê ameaçada pela falta de emprego e por tudo que isso representa: falta de estabilidade, seguro-desemprego, e a ausência de todos outros seguros como enfermidade, velhice e morte (p:11).

O advento das políticas sociais de regulação sócio-econômica, resultado das lutas das classes subalternas, resultou em maior integração dos trabalhadores à ordem social e política do capitalismo: pleno emprego, bem estar e governo democrático entraram para a agenda de discussão entre trabalhadores e capitalistas, colaborando para o equacionamento do impasse vivido pelo capital entre a necessidade de crescimento e acumulação e os interesses dos trabalhadores, na primeira metade do século XX (Abreu, 1999).

É nesse espaço que as teorias Keynesianas possibilitaram uma explicação para o desenvolvimento de um capitalismo subsidiado com geração de emprego, distribuição de renda e bem estar, consorciados à lógica fordista de produção em massa, para um mercado de massa, sob a pressão ascendente de consumo.

Essa fase de convivência entre a dinâmica de acumulação capitalista e políticas sociais regulamentadoras entra em colapso à medida que fenômenos reestruturadores do cenário político e econômico atingem a sociedade mundial: a globalização da economia pode ser traduzida por inovações tecnológicas, microeletrônica, informática, novos materiais como as fibras óticas, telecomunicação por satélites, robótica, acelerando o progresso tecnológico das sociedades, mas também pela incapacidade dos estados nacionais em controlarem o movimento de capitais financeiros.

Estes acontecimentos, aliados à falência da União Soviética, que representava dentro do cenário político e econômico da Guerra Fria uma alternativa socialista para o sistema capitalista, provocaram o enfraquecimento dos movimentos de trabalhadores, dificultando o surgimento de contrapropostas às ofensivas do capital.

A partir dos anos 1970, a política neoliberal em curso, objetivando a globalização dos agentes financeiros, preconiza, como essência de sua agenda para o

mundo, a desregulamentação da entrada e saída de capitais entre os países, a liberalização do comércio suspendendo barreiras alfandegárias, a privatização e transnacionalização de infraestruturas produtivas públicas, a implementação da redução dos gastos públicos com políticas sociais tais como saúde, educação, previdência e outros, e, por fim, a desregulamentação das relações de trabalho substituindo a esfera pública pela submissão à esfera do mercado, ou seja para o setor privado (Abreu, 1999).

Até a década de 1990 a ameaça de desemprego para a classe média não se colocava de maneira visível, embora estivesse em pleno desenvolvimento nos países da Europa e nos Estados Unidos um novo modelo do qual a classe média gerencial estaria paulatinamente sendo excluída. Enquanto isso, no Brasil, absorvíamos a expansão da economia capitalista mundial recebendo grandes empresas responsáveis pelo Milagre Econômico, até 1980 (Singer, 1998:15).

O setor de serviços nas últimas décadas sofreu significativa expansão e possibilitou a incorporação de amplo contingente de trabalhadores, expulsos do chão da fábrica e das franjas periféricas do urbano e do rural. Fenômeno que vem se retraindo com a minimização do Estado, em obediência à política neoliberal de privatização das funções públicas, e com a retração do Produto Interno Bruto-PIB, de 4.5% para 0.7%, na década de 1990 (DIEESE, 2000/01). Estes índices retratam o impacto causado pelo afastamento do Estado do financiamento e da gestão de atividades como bancos, transporte, saúde, educação e serviços sociais.

Para Antunes (1999), a classe que vive do trabalho foi ampliada, indo em busca de trabalho além dos limites impostos, em busca de novas e antigas formas de sobrevivência. O capital hoje compra trabalho e mantém um grande contingente de pessoas ocupadas garantindo um mínimo de consumo, mas nega emprego e conseqüentemente nega proteção social, invenção anterior do capital, na fase industrial-imperialista, para sedução compensatória à classe trabalhadora.

As novas formas de trabalhar raramente premiam o trabalhador:

- trabalho informal – apresenta-se nas esquinas das pequenas e grandes cidades, com os vendedores ambulantes, limpadores de carro, serviços à

domicílio, caracteriza-se por ausência total de vínculos empregatícios e oferece remuneração diminuta, pois é grande o contingente disponível;

- trabalho terceirizado - grandes empresas, entre elas estatais recentemente privatizadas, para diminuir os custos do trabalho regulamentado, utilizam-se de empresas contratantes de pessoal, o que possibilita redução de custos com treinamento e encargos sociais, mas ocasiona diminuição de salários, de qualidade operacional, aumento de acidentes e uma crescente rotatividade de trabalhadores;
- trabalho super-qualificado - o capital qualifica, desqualifica, re-qualifica em alta rotatividade, ganhos e perdas se sucedendo rapidamente, com alto custo da globalização para os trabalhadores, as empresas deslocando-se pelos territórios e inventando modernidades profissionais a cada território ocupado;
- trabalho feminino – constituiu-se fenômeno surpreendente nessas transformações do processo de trabalho, pois a mulher foi absorvida como nunca na história humana anterior; aumento do poder aquisitivo das mesmas que muitas vezes respondem sozinhas como chefes de família, se colocam em espaços antes masculinos porém com menores salários e sem representação sindical adequada para o enfrentamento da questão (Carneiro, 1998).

O terceiro setor vem se constituindo como lugar de absorção de um contingente razoável de trabalhadores remunerados e voluntários. Nos mapas de desempenho financeiro aparece como a sétima economia do mundo em relação ao PIB mundial, e se coloca como alternativa para interesses governamentais na parceria para condução de políticas públicas.

Os campos da saúde e da educação, em razão de suas especificidades, devem ser compreendidos como campos de prestação de serviços à humanidade, pois lidam com o ser humano em condições de formação ou fragilidade. Eles exigem soluções diversificadas, complexas, sutis e abrangentes para a equação dos problemas

próprios, daí resultarem em áreas onde há muito o trabalho voluntário desponta e cresce.

A filantropia faz parte da história da saúde no Brasil, é o caso das Santas Casas de Misericórdia que, desde o século XVIII, respondem por um número considerável de serviços e sempre favoreceu a cultura do voluntariado no seu cotidiano. O trabalho voluntário hoje, de maneira óbvia, incorpora as mudanças do mundo do trabalho e como ele marca o terceiro setor, é nele que devemos estudá-lo. O terceiro setor recolhe e condensa as mudanças do mundo do trabalho, impondo-se o entendimento das singularidades do setor que possam estar influenciando atitudes e comportamentos dos sujeitos aí organizados.

4. Das transformações societárias e do trabalho voluntário.

É grande a polêmica em torno do terceiro setor, de consenso temos a impossibilidade de se traçar um conceito definitivo, delimitar o campo de maneira precisa e uniforme, e de consenso também podemos afirmar ser um movimento social que arregimenta grande parcela da sociedade, movimenta recursos financeiros em montantes substanciais, e, ao longo dos últimos anos, principalmente no Brasil, vem se organizando como parceiro privilegiado dos governos.

O número de pessoas ocupadas no terceiro setor no Brasil cresceu cerca de 30% entre 1991 e 1995, dados da Kanitz Associados; esse crescimento é superior à evolução de 2% no total dos empregos em todo o país no período. Em 1991 havia 200 mil organizações registradas como sem fins lucrativos na Receita Federal. Os setores de educação, saúde e atenção à criança e adolescente, ganham mais destaque, com maior número de trabalhadores, até porque nesses setores a profissionalização é mais antiga.

Em recente pesquisa da Kanitz Associados, a distribuição do trabalho voluntário no Brasil, segue o mapa das desigualdades sociais, pois o Estado de São

Paulo possui o maior número de trabalhadores, 54, 84%, seguido pelo Rio de Janeiro com 12,41%, e o Estado do Ceará, com apenas 1,33%. O voluntariado é hoje parte fundamental da sociedade civil, pois, “*sem o trabalho voluntário, não existiriam as ONG, a filantropia e os movimentos sociais*” (Allen, 2001).

Para (Drucker,1990), estas organizações têm uma longa tradição, mas até bem pouco tempo eram consideradas como um elemento marginal nas sociedades dominadas pela dinâmica entre Estado e Mercado, e em alguns também pela Igreja. Nas duas últimas décadas as ONG têm experimentado um crescimento exponencial em suas atividades e âmbito de influência, proporcionando mudanças significativas que estão redefinindo seu papel social.

Fernandes (1994) refere como diferencial entre as organizações do terceiro setor a questão básica de reinvestir os lucros nos objetivos e atividades-fins, não cabendo distribuição dos lucros entre os membros da organização, pois representam:

Conjunto de iniciativas particulares com um sentido público, nem governamental, nem lucrativo, incorpora instâncias formais e informais, é complexo, heterogêneo, se estrutura com pessoas cuja vocação se expande para além do círculo privado dos seus interesses cotidianos (p:127).

O número de ONG vem sofrendo aumento considerável, tanto na prestação de serviços como no apoio à elaboração de políticas públicas e na formatação do terceiro setor. Encontram-se tanto organizações formalizadas juridicamente, quanto informais, tanto com gestão estruturada e profissionalizada, quanto espontaneístas e amadoras.

Variam desde clubes esportivos, a grupos de igreja, associação de melhoramentos de bairros, agremiações ecológicas, clubes recreativos, partidos políticos e sindicatos, neles as atividades voluntárias apresentando importância fundamental para as ações objetivas quanto para o desenvolvimento de canais de expressão para necessidades emocionais, espirituais e sociais de seus membros. No marco da estruturação de uma sociedade civil, no caso do Brasil, também podem desempenhar papel de fundamental importância no jogo democrático, sobretudo quando proporcionam às pessoas a oportunidade de tomarem parte na vida pública.

A criação de políticas sociais de proteção tem sido um termômetro indicativo da capacidade de maior ou menor pressão dos grupos de oposição ao modelo Liberal ou Neoliberal estrito. O Estado de Bem Estar Social, entendido como um sistema público de seguridade social, que foi implantado na Europa sobretudo anglo-saxã e eslava, após a Segunda Guerra Mundial, representou substancial avanço em termos de conquistas sociais por parte dos trabalhadores, pois propunha ao Estado burguês apresentar-se como árbitro na disputa entre os interesses do capital e da classe que vive do trabalho (Antunes, 1999).

Crescimento econômico conjugado com aumento da pobreza de vastas camadas da população são os principais elementos para o rompimento do tecido social, provocando desafios e rupturas entre as classes envolvidas. A emergência do terceiro setor vem no bojo da descentralização político-administrativa, da liberalização com privatização da economia e de certa democratização, embora limitada, da sociedade.

Nas décadas de 1980 e 1990, ancorados no arrefecimento dos movimentos sociais e na estratégia de afastamento do Estado no financiamento das políticas sociais, o terceiro setor registra uma atuação sistemática nas áreas sociais como educação, saúde, alimentação e meio ambiente junto à população pobre e fragilizada.

No Brasil, a produção de pobreza e miséria destitui grande massa de sujeitos dos direitos e deveres da cidadania, geram violenta concentração de riqueza e vasta desigualdade social, econômica e política, os grupos sociais voltados para minimizar, sobretudo a dimensão material da pobreza, têm encontrado grande espaço de atuação em detrimento daqueles voltados para o desenvolvimento da cidadania e da participação política, daí auferindo financiamentos nacionais e estrangeiros, com muito mais facilidade.

Neste cenário de mudanças na produção econômica, há uma redefinição do tecido social, o que provoca um diferencial na correlação de forças entre as classes sociais, deste modo modificando projetos sociopolíticos:

Essas relações não se referem apenas à criação de uma nova forma de organização do trabalho, mas, também à formação

de novos pactos e consensos entre capitalistas e trabalhadores, pois o controle do capital não incide somente na extração da mais-valia, mas, principalmente, no consentimento e na adequação das classes à nova ideologia, os interesses universais e de classe são substituídos por objetivos grupais e localistas (Simionato, 1999: 84)

A sociedade civil eleger-se como protagonista desse momento histórico e no contexto da vida pública ocorre a integração entre Estado, sociedade e mercado, o que requer, conseqüentemente, uma reestruturação da vida social, econômica e política. Uma reestruturação que atinge paulatinamente todos os setores da sociedade civil. O signo da fragmentação constitui-se como característica principal dessas transformações em curso e a universalização do mercado apresenta-se como resposta final para a História humana, obstaculizando respostas com vistas a um projeto social universal integrado e crítico.

Raichelis (1998) refere que, ao longo da década de 1980, “*o Brasil foi palco de um intenso processo de revitalização da sociedade civil, que na luta pela democratização, colocou em xeque não apenas o Estado ditatorial, mas a rede de relações autoritárias que atravessava a sociedade brasileira*”, assim resultando na emergência do trabalho de grupos voltados para defesas de minorias como mulheres, negros, índios, crianças de rua, educação de adultos, saúde e outros, movimentos que alcançaram expressivo espaço na sociedade brasileira e mundial.

Desde então, multiplica-se a delegação por parte do Estado de parcela substantiva de sua responsabilidade no desempenho de políticas sociais, para tais grupos.

Gramsci (1981) coloca sociedade civil como o “*conjunto de organismos privados e que corresponde à função de hegemonia que um grupo dominante exerce sobre toda a sociedade*”, levando-nos a compreender o Estado como sendo um lugar ampliado de vivência dessa hegemonia, a partir de cuja referência explicitam-se e são redimensionadas todas as relações sociais.

O processo social que a sociedade brasileira atravessa no momento apresenta um conjunto de características e finalidades que se mostra embrionário de uma

situação social/política de transição. São buscadas respostas aos desafios colocados pelas esferas econômica, governamental e societária, elegendo as ONG, o trabalho por projeto e o trabalho voluntário como mediadores entre governantes e governados.

O fortalecimento e a organização da sociedade civil através dos sujeitos coletivos, dos antigos e novos movimentos sociais, sejam sindicatos, conselhos, entidades de defesa dos direitos humanos, movimentos dos sem terras e pastorais são características dessa transição.

A respeito da identidade do terceiro setor, enquanto sujeito coletivo, o debate contemporâneo nos dá conta de um conjunto de reflexões próprio de um momento onde as questões e ações colocadas pelo mesmo suscitam posições bastante diferenciadas. Montano (1998) e Iamamoto (1999) colocam o fenômeno como resultante da lógica neoliberal adotada pelo Estado para implementar um novo modo de regulação capitalista no cumprimento de uma estratégia de legitimação do sistema que compreende a passagem das lógicas do Estado para as lógicas da sociedade civil.

Enquanto Landim (1995) e Ybarra (1995) argumentam que estamos diante de um processo resultante de uma maior consciência cívica, democrática e solidária no enfrentamento das questões sociais que se colocam para as sociedades contemporâneas, objetivando deter a exclusão social e o aumento da miséria no mundo. Essas discussões colocam em xeque a identidade social e política desse movimento.

A democracia participativa deve conter um diferencial de proteção contra a exclusão de segmentos diferenciados da população e buscar a inclusão nos mais diversos e amplos setores da atividade humana. Transformação social implicará a transformação das lutas individuais em lutas coletivas determinando o processo de construção política de uma nação. Para Abreu (1992:36), a transformação social “*é um fenômeno global que se faz de forma simultânea, a nível do econômico e do ideológico, através da luta política*”.

Sobre identidade e possibilidades do terceiro setor, entendido como um novo ator coletivo, Abreu (1992) argumenta sobre a debilidade característica dos atores em construção, apontando para a gênese desses sujeitos:

Na criação de novos padrões de prática e de reconstrução de fragmentos de uma identidade autônoma, onde os indivíduos e os grupos se constituem em sujeitos desse processo, desenvolvem dentro de si mesmos os fragmentos correspondentes do novo ser sujeito (p:37).

Outro elemento importante e observado por Santos (1997) remete à questão da subjetividade como componente estruturador desse tipo de militância, com forte presença nos dias de hoje e responsável pelo distanciamento calculado em relação ao Estado, partidos políticos e sindicatos, encarados como formas tradicionais de movimentos sociais.

A esse respeito Melucci (1997) coloca a diversidade e a complexidade das sociedades contemporâneas, como questões a serem consideradas nas análises das ações sociais dos novos movimentos sociais, apresentando conflitos que atingem a esfera da vida cotidiana, com capacidade para modificar relações interpessoais e de identidade pessoal alimentadas por um sistema complexo e descontínuo. O trato dos elementos subjetivos não deve estar dissociado de uma análise contemporânea das motivações que determinam as ações sociais que são encaminhadas pelos atores coletivos.

Para Vidal (2001:63), os desafios do terceiro setor estão voltados para o fortalecimento de sua identidade, de sua legitimação perante a sociedade com ações e resultados, da atuação em sistema de parceria, do desenvolvimento de capacidade organizacional de modo a garantir qualidade de vida para a população envolvida, busca de valores de cidadania e do direito como situação concreta e não abstrata, compromisso ético-político na defesa da universalização dos direitos sociais básicos como educação, saúde, emprego.

É para esse quadro econômico de exigência e de deslegitimação cultural que o terceiro setor se organiza e se afirma, em vários quadrantes do mundo. Podemos perceber uma prática e uma quase vergonha da prática, ambas se negando, ambas se alimentando.

É a vivência desta contradição, e o que ela pode determinar nos agentes que convivem na construção do cotidiano das instituições, que se coloca como objeto da

pesquisa aqui projetada. No estudo que ora propomos não se trata de medir o espaço ocupado por um ou por outro setor na condução das políticas sociais, mas sim de conhecer melhor as relações sociais através da vivência dos agentes que desempenham este trabalho caracterizado por instâncias tão diferenciadas.

A questão que queremos trabalhar refere-se ao exercício do trabalho em campo historicamente determinado, contraditório interna e externamente, que incorpora a oposição entre trabalho remunerado e trabalho voluntário, que normalmente a cooptação e a sedução como armas da ação política.

5. Da construção da identidade do trabalhador

Como nos identificamos? Quem somos? Quem são os outros? Somos parecidos ou iguais a quem? Se somos parecidos, o que nos une? Se não somos parecidos ou iguais o que nos diferencia ou individualiza?

Identidade é relação contraditória, complexa, que permite várias incursões em busca de elementos que fundamentem os vários aspectos valorativos da questão. Comporta interdeterminação, complementariedade, historicidade e concreticidade em relação a consciência e criatividade. Identidade representa o que da consciência se sedimenta em maiores períodos, permitindo o reconhecimento do indivíduo como sendo o mesmo, ao longo de um fluxo de tempo.

De qual maneira nos identificamos cotidianamente? Quando perdemos nossa identidade estamos quase sempre no terreno da confusão, da dissociação, do vazio, da anomia de significados, do deslocamento entre história individual e história social. Elementos como profissão, família, mídia, escola, igreja, clube, hobby e partido, por exemplo, nas sociedades complexas, representam instâncias mediadoras indivíduo-sociedade que permitem estabelecer a rede de identificações que constituem o processo de construção da consciência e que, por sua vez constroem a cultura (Adorno, 1951).

Para Ciampa (1994), a condição de ser igual a outros tantos homens e ao mesmo tempo diferente, vem a ser a essência da identidade humana:

O homem como espécie é dotado de uma substância que, embora não contida totalmente em cada indivíduo, faz deste um participante dessa substância, já que cada homem está enredado num determinado modo de apropriação da natureza no qual se configura o modo de suas relações com os demais homens (p: 177).

Estamos no espaço da construção das relações sociais como produto das relações entre os homens e como produção das condições de sua existência. O homem se produz e se hominiza ao exercer a condição de ser histórico, através de uma atividade que o determina e o concretiza. Assim torna-se parte da sociedade não isoladamente, mas como ser constitutivo do processo social.

Aqui podemos qualificar o social, no sentido da “*cooperação entre vários indivíduos, quaisquer que sejam as condições, o modo e a finalidade de vida*” (Marx & Engels, 1984), integrando as necessidades de comer, vestir e procriar, quando o ser humano vivifica as forças que constituem a produção material de sua existência. Os indivíduos estão postos em relação uns com os outros e se percebem simultaneamente separados e em relação.

Nossa individualidade é construída na relação social pela exclusão do outro: ser onde o outro não é. Quando falamos de indivíduo estamos nos referindo a uma práxis, que é a unidade da subjetividade, onde o homem se produz a si próprio e concretiza sua identidade. Na individualização um processo de negação da igualdade entre os indivíduos fica estabelecido, também o modo como se dará o processo de conformação da identidade.

Por meio da negação o homem se diferencia do outro para concretizar sua individualidade e demandar a construção da identidade. Entre as infinitas possibilidades de exclusão constrói-se o indivíduo: O homem na relação com o outro se afirma na diferença e constitui sua individualidade, na história pessoa e na história de seu grupo.

6 - O lugar do trabalho na construção da identidade.

O homem produz sua própria existência na medida em que constrói a sociedade em que vive com seu trabalho. Este surge, então, como experiência fundamental no processo de construção de sua identidade e como categoria fundamental para explicá-la. Para Leontiev (1978), é "*impossível estudar identidade na ausência da história, inútil descolar a categoria identidade da categoria atividade, portanto da categoria trabalho*".

Trabalho comparece na vida dos seres humanos como atividade vital, está inscrito na esfera da produção das condições necessárias à existência humana, e submete-se ao modo de produção vigente.

No capitalismo, trabalho torna-se produtivo na medida em que produz capital, produzindo mercadorias, realiza mais valia e produz valor (Marx, 1980): valor de troca (trabalho abstrato), e valor de uso (trabalho concreto), inferem na posição que o indivíduo ocupa na hierarquia social. É o salário plasmando funções sociais e necessidades humanas, objetiva classe social e tudo passa a ser mercadoria.

A categoria profissional atua como mediadora no processo de construção de identidade, regula mobilidade social e estrutura classe social de acordo com maior ou menor poder aquisitivo. A classificação indagação "o que você é", está quase sempre referida ao lugar que se ocupa no sistema produtivo, a qual classe pertencemos. O fazer tomará o lugar do ser e o verbo nomeará e identificará o sujeito.

A constante evolução das forças produtivas assinala mudanças nos processos de trabalho, determinando modificações na mobilidade social, determinando novas subjetividades. É o consumo(capital), apropriando, determinando e redimensionando o cotidiano e o agir social. Todos os dias novas situações estão sendo oferecidas para serem vividas, arrastando o indivíduo à novas posições e novas identidades e ressignificações do viver.

7. Dos objetivos da presente Tese.

Conflitos que geram sofrimento psicológico podem ser investigados, mapeados e analisados com a finalidade de identificação do modo como sujeitos singulares estão

construindo modos de apropriação (enfrentamentos com o real) e reapropriação (enfrentamentos com o simbólico) para proteção da ruptura subjetividade/objetividade colocada para todos na vida cotidiana. Usando mecanismos reais ou mágicos, redutores ou deslocadores, contemporâneos, retrospectivos ou prospectivos, os indivíduos restabelecem algum nível do controle existente anteriormente e evitam o labirinto da doença mental (Sampaio, 2001).

A finalidade deste estudo é, portanto, surpreender, na trajetória histórica pessoal de alguns sujeitos, as formas de comparecimento do trabalho voluntário: modo de apropriação, tática de inserção primária para futura inserção formal no mercado de trabalho; ou modo de reapropriação, tática de recuperação do valor humano do trabalho, capaz de superar simbolicamente os percalços da alienação.

O objetivo geral da presente Tese busca identificar trabalho voluntário como tática de inserção primária no campo formal de trabalho e/ou tática de recuperação do valor do trabalho no cotidiano de sujeitos singulares. Daí decorrem dois objetivos específicos: a) caracterizar os sujeitos entrevistados através de seus depoimentos, a partir dos quais se monta o mapa de conflitos entre trabalho e sofrimento psicológico; e b) identificar as soluções reais e simbólicas formuladas pelos trabalhadores.

METODOLOGIA

1 - Referencial teórico.

Muitos estudos na área das Ciências Sociais e Ciências da Saúde têm priorizado a matriz dialético-marxista para investigar a dinâmica da realidade, no propósito de apreender o indivíduo e seu mundo enquanto criação de experiências históricas, abrangendo a particularidade e a totalidade dos fenômenos sociais.

As investigações no campo das relações de saúde mental e trabalho postulam que os processos de trabalho e as formas de exploração da força de trabalho podem explicar formas psíquicas de expressão de conflitos advindos do processo produtivo.

Considerando o objeto alvo deste estudo - trabalho como mediação das formas de sociabilidade, de identidade e de personalidade - o instrumento requerido para análise dos processos sociais e dos sujeitos envolvidos contempla a interdisciplinaridade como espaço de articulação entre as parte e o todo. Nas relações econômicas busca-se a estrutura da sociedade; na linguagem, a consciência; e nas relações sociais, a personalidade.

Para abarcarmos essa totalidade, a dialética marxista configura-se como método capaz de apreender as coisas em relação e sentido, tornando evidentes os movimentos e suas significações.

Autores como Breilh (1995), Minayo (2000) e Sampaio (1998) oferecem estudos teóricos e práticos de uso da dialética marxista para fundamentar o exercício de investigar no campo da saúde, tomando como prioridade a concretude de grupos e sujeitos no seu cotidiano.

Para Breilh, as formas de organização do social e da estrutura produtiva estabelecem e determinam os padrões de transformações do social em três dimensões, alcançando o geral, o particular e o singular:

A sociedade, modifica a natureza e agrega elementos a mesma, em formas e quantidades variáveis, de acordo com o

desenvolvimento das forças produtivas dessa sociedade e das relações históricas que modelam seu trabalho e a distribuição dos produtos de toda ordem (1995:44).

Trabalhando as concepções sobre homem/sociedade, Sampaio (1998) estabelece:

1. Cortes teóricos para promoção da investigação e do conhecimento:

a) a questão do real: cognoscível mas de modo provisório, pois conhecimento, coisa conhecida e relação entre os termos sempre mudam; aparência é face da essência e o conhecimento parte do empírico mas o dissolve em abstração para poder se afirmar.

b) a questão da neutralidade e interesse como produto de concepções sobre homem e sociedade:

b.1. Funcionalismo: defenderá unidade metodológica, pois verá o social como similar ao natural, catalogará o fenômeno como função ou disfunção em referência à manutenção do *status quo*.

b.2. Compreensiva: defenderá diversidade metodológica pois natural e social geram valores específicos, recortará o social a partir da unidade empírica reconhecida que é o indivíduo.

b.3. Dialética: defenderá diversidade metodológica pois entende que natural e social geram valores específicos, acatará a relação subjetividade/objetividade como problemática e interdependente, desde que o sujeito faz a coisa e a coisa faz o sujeito.

2. Eixos fundamentais para a percepção das relações e atitudes humanas (personalidade):

a) Genéricos: a materialidade é determinada pela prática histórico-social, numa relação dialética complementar, contraditória e interdependente ;

b) Específicos: a lógica fundamental está colocada pela relações econômicas (tudo se compra e se vende sob o signo do capital); pelos sistemas mediadores de relações sociais (família, escola, igreja, empresa, partido mídia etc); e pelo estado de satisfação das necessidades em constante movimento.

As concepções, o modo como o pesquisador se relaciona com o social trará também outros desdobramentos, ao serem confrontados com as abordagens, a questão do quantitativo e do qualitativo. Enquanto a matriz teórica e as concepções norteiam atitudes de liberdade frente à identidade e à historicidade do investigador e do investigado: significações, motivações, aspirações, atitudes, crenças e valores, estão presentes pois o investigador é parte da investigação e porta a mesma natureza do investigado. A dialética toma a quantidade como uma das qualidades dos fenômenos investigados, aquelas mensuráveis.. Donde ser necessária a articulação com o qualitativo, capaz de dar conta das características não mensuráveis da realidade.

Procurando sistematizar as possibilidades da dialética marxista nas Ciências Sociais, mais especificamente voltadas para o campo da saúde Minayo (1994) expõe as possibilidades do método:

- O processo de trabalho é *locus* privilegiado das relações de produção e reprodução dessas relações (abrangência da totalidade das relações antagônicas entre capital e trabalho).
- A luta de classes tem papel estratégico na transformação e no advento de novas estruturas (visões dominantes, sistemas culturais e subculturas dominadas, historicidade das classes na estrutura do modo de produção, sujeito histórico no processo de mudança).
- A cultura como mediadora entre a objetividade das relações dadas e o sujeito histórico transformador (cultura enquanto categoria de pensar, sentir, agir e se expressar para determinado grupo, classe ou segmento, espaço de conformação do modo de vida, de interação com família, vizinhança e outros).
- As condições gerais de produção: condições de vida, onde se dão as relações entre processo de produção e a estrutura social, distribuição de riquezas e dos equipamentos da vida urbana e social.

- A pesquisa em saúde deve ser qualitativa (incorpora a questão do significado e da intencionalidade) e interdisciplinar (nenhuma disciplina isolada pode dar conta da complexidade do objeto alvo da investigação em saúde).
- A escolha do campo delimita a abrangência empírica do recorte teórico correspondente ao objeto de investigação, a escolha dos sujeitos deve recair sobre aqueles que detêm os atributos que o investigador pretende conhecer (estudo de caso), trata-se de uma questão não numérica de relevância,

2 - A questão dos instrumentos.

Para o alcance de resultados satisfatórios em estudos que contemplam um objeto complexo em campo multifacetário, o método dialético obriga ao uso de um arsenal integrado de instrumentos, de onde sobressaem a Observação Participante e a Entrevista:

2.1. A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Entendida por Gil (1991) e Minayo (1994) como elemento fundamental para a pesquisa qualitativa, sobretudo no campo da saúde, que vai desde a formulação do problema, passando pela construção do projeto e da hipótese, da identificação dos sujeitos, da coleta, análise e interpretação dos dados. A observação participante, vivência do pesquisador na dimensão de vida do pesquisado, desempenha papel imprescindível no processo de pesquisa e nutre a interpretação de informações não acessíveis à subjetividade dos pesquisados, além de explicitar o ponto de visão do pesquisador.

Não houve protocolo de observação participante, sendo utilizado o Diário de Campo, para notas descritivas e interpretativas do pesquisador.

2.2. A ENTREVISTA .

Minayo (1998) conceitua e sistematiza a entrevista como instrumento primordial da investigação:

- a) Elege a representatividade da fala, da ação reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos, que transmite representações de um determinado grupo em determinada condição;

- b) Aponta a relação pesquisador/pesquisado, pois não representa trabalho isolado, unilateral, constituindo uma interação social, onde pesquisador e pesquisado se afetam, se beneficiam e/ou se prejudicam mutuamente;
- c) Certifica que se colham as representações, categorias de pensamento que expressam a realidade, explicando, justificando ou questionando-a;
- d) Permite, meio do discurso, colher, clarificar e desvelar as contradições e coerências, sendo que cada sociedade terá seu discurso e este portará a visão de mundo, pois no discurso sobre a relação saúde/doença e processos de trabalhos não se colhe tão somente a linguagem do corpo, mas sobretudo as percepções sobre a sociedade e as relações sociais.

A Entrevista usada constou de uma explicação sobre a pesquisa, de uma solicitação ética de participação e de uma pergunta detonadora, uma provocação, “o que é, para você, o trabalho voluntário?”. No transcorrer da entrevista, perguntas adicionais foram construídas em cima de pontos-chave colocados pelo entrevistado em seu fluxo voluntário de informação: emprego, desemprego, trabalho, satisfação, família, estado, política pública, solidariedade, prestígio, religião, cidadania e ética.

3 - Procedimentos de análise.

O tratamento do material empírico coletado, por meio das técnicas qualitativas, tem sido objeto de cuidado e estudo de vários autores, que elegem a Análise de Discurso como proposta tecnológica substancial para abarcar as necessidades que a abordagem dialética reivindica:

A Análise de Discurso tem sido apontado por autores como Orlandi (1999). Para os desdobramentos práticos, é em Minayo (2000) que a vemos como técnica capaz de “*compreender o modo de funcionamento, os princípios de organização e as formas de produção social do sentido (e, deste modo) incorpora na compreensão de um texto sua condições de produção*”.

Sampaio (2001) focaliza a Análise de Discurso como técnica capacitada para tratar e enfrentar os significados, os deslocamentos de significados, as contradições entre significados e coisas significadas, “*que uma ferramenta nascida da relação*

entre os domínios disciplinares da Linguística, do Estruturalismo e do Marxismo, desenvolvida para viabilizar interpretações e identificar os dinamismos de produção de significados e rupturas de significados”

As especificidades dos processos sociais originados a partir da atividade humana trabalho - identidade, personalidade, linguagem, trabalho simbólico, historicidade, realidade e mediação - podem ser melhor apreendidas e desveladas.

4 - A investigação.

Os problemas questionados na presente pesquisa têm estado presentes no cotidiano da pesquisadora há, pelo menos, duas décadas, quando, como Assistente Social, atuante no campo da saúde, emergia o contato com as associações sociais que se apoiavam no trabalho voluntário, em procedimentos de referência e contrarreferência de clientes.

As indagações foram se acumulando, exigindo parada para compreensão crítica, e tornaram-se mais agudas quando da orientação de uma monografia de Conclusão de Curso. Para realizar a orientação impôs-se o exercício do trabalho voluntário, por seis meses (junho a dezembro/1999), na Fundação Sociedade Benemérita de Combate ao Câncer do Nordeste Paulista-SOBECCAN, sede situada na cidade de Ribeirão Preto/SP. A instituição dispunha-se a acolher estagiários de Serviço Social, mas não se dispunha a contratar um profissional para orientar e responsabilizar-se pelo sistema de estágio.

O exercício de orientação a alunos, quatro para trabalho de Conclusão de Curso de alunos da Universidade Estadual do Ceará-UECE, a partir de março/2000, na cidade de Fortaleza/Ce, e uma Pesquisa de Iniciação Científica, desenvolvida numa Rede Hospitalar Psiquiátrica, permitiu maior pertinência ao campo de pesquisa, condição esta que possibilitou a aproximação necessária para identificação e seleção dos sujeitos significativos, portadores de características essenciais aos objetivos da investigação, tornados então sujeitos paradigmáticos do presente estudo.

A primeira etapa da pesquisa, de entrada no campo, foi realizada por meio de contatos com coordenadores e diretores das instituições, através de ligações telefônicas, visitas, aulas e mediação de alunos.

Os sujeitos selecionados precisariam atender dois cortes, um de gênero, deveria haver pelo menos um homem e uma mulher, pela hipótese de alguma interferência de gênero na escolha e na prática do trabalho voluntário, e um outro corte, de relação com o trabalho voluntário, inicialmente denominada de relação tática (sobrevivência material) e de relação estratégica (sobrevivência psicológica). Dois homens e duas mulheres, um médico, um psicólogo, uma economista e uma psicóloga, trabalham em três Organizações Não Governamentais-ONG, que utilizam trabalho voluntário como condutor principal de suas atividades, notadamente na área da saúde e da educação.

A seleção procurou identificar representantes de dois grupos de trabalhadores voluntários, agora retomando a distinção tático/estratégico de modo teoricamente mais denso: o primeiro foi composto por sujeitos, um homem e uma mulher, onde o trabalho voluntário aparece como “modo de apropriação” da identidade de trabalhador, táticas de inclusão primária no mercado de trabalho; e o segundo grupo composto por trabalhadores, um homem e uma mulher, para os quais o trabalho voluntário comparece como “modo de reapropriação” da identidade de trabalhador, recuperação de significados perdidos pela prática alienada no mercado de trabalho.

De um total de 20 sujeitos que estabeleceram contato com a pesquisadora, no período dos três meses de identificação de sujeitos, quatro emergiram como paradigmáticos. A escolha intencional de sujeitos permite circunstanciá-los, caracterizá-los, recuperar histórias e dinâmicas de vida, surpreendendo-os em ação e justificção.

5 - As instituições

1. Associação Elos da Vida, voltada para trabalho de desenvolvimento de comunidade, com ênfase nos setores saúde, educação e capacitação de jovens, com sede na cidade de Fortaleza.
2. Associação Peter Pan, voltada para o trabalho com crianças portadoras de câncer, que atua junto a um hospital estadual de grande porte, destinado ao atendimento de crianças.

3. Clínica de Atendimento Infantil, de rede hospitalar psiquiátrica privada, voltada para o atendimento psiquiátrico e psicológico a crianças.

Nesta segunda etapa da pesquisa, de aproximação com as instituições e aplicação das entrevistas, os sujeitos foram abordados do seguinte modo: três deles no local do trabalho voluntário e apenas um, por questão de comodidade para o informante, a entrevista foi realizada no espaço do trabalho remunerado.

As entrevistas tiveram uma duração média de três horas, transcorreram num clima bastante cordial e emocionado, com todos os participantes demonstrando satisfação e interesse em colaborar numa investigação sobre o trabalho voluntário. Caracterizaram a participação na pesquisa como mais uma dimensão do próprio trabalho voluntário.

6 - Categorias principais e premissas operacionais

6.1. EXPLICATIVAS

Modo de apropriação – a categoria expressa a lógica utilizada pelos indivíduos e grupos para enfrentarem o real e controlarem as bases de sustentação das condições de existência, com formas de expressão específicas a cada lógica da organização social, deste modo sobrevivendo e apropriando-se da natureza com as tecnologias disponíveis no momento. O eixo conceitual é a capacidade de ganhar a vida que, no capitalismo, apresenta-se como o conjunto de habilidades necessárias à entrada no mercado de trabalho.

Modo de reapropriação – a categoria expressa, para os indivíduos e grupos sociais imediatos de convivência concreta, as tentativas de relacionamento estável, de entender, superar, evitar, e tornar suportável os sofrimentos psíquicos oriundos dos conflitos subjetividade/objetividade. O eixo conceitual é o da mediação de significados, satisfação e valor, que ocorre, especificamente, nas múltiplas e contraditórias relações existentes entre alienação (experiências de contradição, estranhamento e antagonismo entre criador e criatura, produtor e produto, sujeito e objeto, subjetividade e objetividade) e ideologia.

6.2. ONTOGÊNICAS

Trabalho – a categoria expressa conjunto de atividades que resulta na apropriação da natureza pelo homem e reproduz o próprio homem, revestindo-se de formas específicas a cada lógica da organização social, das formas de produção e de distribuição de riqueza, da natureza das técnicas e tecnologias utilizadas.

Ser social – a categoria expressa o conjunto de pré-existentes econômicos, políticos e ideológicos, sintetizados em formas culturais e simbólicas, em torno do nascimento de um ser humano. Ser social designa, a qualidade material que herdamos ao nascer; as expectativas de ser no mundo a partir da parentela e dos grupos sociais próximos. Esse fio primário serve de eixo condutor e base para reforços e reformulações, significados e ressignificados.

6.3. OPERACIONAIS

Visão de mundo – a categoria expressa o conjunto dominante de noções, crenças e ideologias, articulando de modo consistentes senso comum, religião e ciência, e constitui-se como filosofia de vida defendida coletivamente e característica de um coletivo. As noções, representações, ritos e costumes referentes a origem, destino, direitos, deveres, determinação, fontes de determinação, processos, legitimações e lealdades constituídas são seus elementos básicos.

Ideologia – a categoria expressa o conjunto de normas e princípios que orientam, sustentam e justificam a ação de classes ou grupos sociais, desenvolvido e incorporado pelos indivíduos nas suas ações cotidianas, com ocultamento da fonte externa de origem, da historicidade e da parcialidade. A ideologia está explícita, revelada e defendida no discurso, mas descontextualizada e oferecida como universal, embora represente interesse parcial de um grupo hegemônico, ou pode estar implícita, vivida como criação interna, naturalizada e eternalizada. A ideologia permite que as contradições estruturais e funcionais sejam vividas, internamente velando interesses supra-individuais em ação.

6.4. PREMISAS

- a) Só há sofrimento quando há conflito;
- b) Sofrimento psíquico não necessariamente constitui doença;
- c) A linguagem apresenta ordem própria mas autonomia relativa;
- d) A história tem o seu real afetado pelo simbólico;
- e) O sujeito da linguagem é afetado pelo real da fala e da história, sem efetivo controle sobre o modo como estes reais o afetam;
- f) Cada investigação obriga à formulação de conceitos e recortes conceituais diferentes;
- g) É a partir da sistematização do discurso produzido pelos sujeitos que são extraídas as categorias analíticas específicas e as subcategorias operacionais.

7 - Modo de exposição.

Na Introdução foram expostos motivação, problema, justificativa e modelos teóricos de referência, sobre trabalho remunerado, trabalho alienado, trabalho voluntário e sobre táticas de recuperação das rupturas possíveis entre subjetividade e objetividade. Evidenciado o problema e a importância de equacioná-lo, o texto inicial conclui com a explicitação dos objetivos da Tese.

O presente módulo, que contém as opções metodológicas, os procedimentos e os instrumentos, destacando a escolha da forma dialética de compreender o real, desenvolve os elementos de construção da própria investigação, depois da obtenção em campo, tanto de sujeitos como de depoimentos, para em seguida esclarecer os passos interpretativos e, por fim, revelar uma lógica de exposição que parte da identificação, passa pela exploração dos dois subgrupos teoricamente construídos e conclui com considerações finais mais abstratas e gerais.

No Cap I, denominado “Da identificação dos trabalhadores e subgrupos”, os quatro sujeitos escolhidos como paradigmáticos, nos cortes de gênero e estratégia psicológica, são apresentados, através da elaboração de perfil sócio-histórico, de mapas de conflitos e mapas de tópicos discursivos e estruturas frásicas prevalentes.

No Cap II, denominado “Do trabalho voluntário como tática primária de construção de identidade de trabalhador”, são analisados os dois sujeitos escolhidos como representativos do grupo de apropriação, apresentando suas opções pelo trabalho voluntário, à de suas fases de vida e da organização de uma sociedade mediada pelo dinheiro e pelo mercado.

No Cap III, denominado “Do trabalho voluntário e da satisfação de trabalhar”, são exploradas, de modo analítico, as táticas de organização da identidade que afloram nos sujeitos representativos do modo de reapropriação, sobretudo destacando suas buscas de satisfação e saúde, recuperativas dos sujeitos plenos e em contradição com as potencialidades alienadoras de uma sociedade mediada pelo dinheiro e pelo mercado.

Por fim, nas Considerações Finais, as categorias “modo de apropriação” e “modo de reapropriação” são testadas, para os fins de produzir generalizações e recomendações.

CAPITULO I

DA IDENTIFICAÇÃO DOS TRABALHADORES E DOS SUBGRUPOS

Para o recorte de significados e a construção de uma estratégia compreensiva que permita identificar, no real de sujeitos históricos, as dinâmicas defensivas, as respostas à alienação e as concretizações específicas, ligadas ao empírico das singularidades, é necessário discriminar, de modo analítico, a identidade de quem fala. No presente capítulo estas identidades serão expostas.

1 - A história de cada um.

SUJEITO 1

Bernardo, nascido há 26 anos, branco, brasileiro, psicólogo recém formado, desempregado, divorciado há oito meses, ocasião em que voltou a morar com os pais depois de um casamento de três anos, tem uma filha de três anos que está sob a guarda da ex-mulher. É o filho mais velho de uma prole de três. O pai é advogado, no momento à frente de um pequeno comércio de material de construção, na própria moradia. A família passa por dificuldades financeiras. Informa ter sido educado para ser médico, assim satisfaria um sonho familiar, principalmente da mãe, chegou a ser aprovado em Medicina mas trancou a matrícula e passou a cursar Psicologia. A família é Espírita praticante e sempre participou de campanhas assistenciais e de trabalho voluntário, fato que propiciou sua participação em trabalho voluntário desde a adolescência, com uma pausa ao iniciar a universidade, retomando após intervalo de três anos.

SUJEITO 2

Lúcia, nascida há 27 anos, brasileira, psicóloga, formada há quatro anos, recém contratada por um hospital psiquiátrico, depois de passar um ano estagiando em país europeu, especializando-se em Psicanálise Infantil. É casada, sem filhos. Faz parte de

uma prole de cinco filhos, tendo sido órfão de mãe aos seis anos, tendo o pai, mais tarde, contraído novo casamento. Na família de origem desfrutou excelente situação financeira até a puberdade, havendo então queda de padrão financeiro. O pai é um engenheiro civil bastante empreendedor e o marido é professor universitário, do curso de Medicina. Sua primeira experiência com trabalho voluntário ocorreu durante o estágio escolar, no Hospital de Clínicas em hospital especializado em câncer. Há cinco meses integra um grupo responsável pelo projeto de uma Clínica Psiquiátrica Infantil, que faz atendimento gratuito, aos sábados, para crianças com distúrbios de comportamento e dificuldade escolar. É católica não praticante, não filiada a partido político e não sindicalizada. Continua fazendo formação em Psicanálise e iniciou curso de Mestrado e em Psicologia.

SUJEITO 3

Josimar nasceu há 51 anos, branco, brasileiro, nascido e residente em Fortaleza, casado, pai de 4 filhos adultos. Formado em Medicina há 25 anos, com Residência e Mestrado em Pediatria. Professor universitário admitido por meio de concurso público, orienta grupos de pesquisa no Hospital de Clínicas onde é bastante atuante. É sócio fundador de uma micro empresa de saúde e atende em consultório próprio, modelo liberal. O pai era desembargador, juiz da vara de execuções criminais. A experiência de trabalho voluntário começou na adolescência, no sistema carcerário, sob a orientação do pai, com a tarefa de visitar e conversar, ajudando no que fosse possível. Mais tarde o pai entendeu que a diferença de idade dos encarcerados poderia ser prejudicial à formação do adolescente, encaminhando-o para o trabalho com menores e com hansenianos, junto com grupos de religiosos. Atualmente, atende crianças e mães na periferia de Fortaleza, com aconselhamentos na área de saúde e captação de recursos, dentro de um projeto comunitário de emancipação do bairro, coordenado por uma ONG. Não é filiado a partido político mas, simpatizante, participa de discussões com um grupo de amigos. Também não é filiado o sindicato. Participa há dois anos de um grupo de discussão da doutrina espírita.

SUJEITO 4

Vilma nasceu há 45 anos, branca, brasileira, economista, exerce a função de Oficial de Justiça no Ministério Público, é casada com Oficial do Exército e mãe de três adolescentes. A família de origem gozava de boas condições financeiras e sempre recebeu ajuda dos pais mesmo depois de casada; o pai morreu de câncer. Há oito anos pratica trabalho voluntário, começou na Bahia, junto com o marido, ao trabalhar num projeto para atender crianças de rua. Mudaram-se para Fortaleza e, em 1977, formou um grupo de trabalho voluntário junto a um hospital para tratamento do câncer infantil. Atualmente dirige uma ONG, a Associação Peter Pan, voltada exclusivamente para dar apoio e suporte a programas assistenciais do hospital. São muitos os projetos em andamento e a cobertura atinge um contingente de 800 crianças/ano. Vilma foi empossada como primeira diretora e recentemente foi reconduzida ao cargo, também realiza trabalho voluntário como coordenadora de um grupo para evangelização na Federação Espírita.

2 - Caracterização do grupo total.

- Todos os sujeitos referem acentuada convivência familiar, mas se reportaram pouco à natureza da convivência. O pouco apresentado foi capaz de demonstrar uma convivência longa, estreita e afetiva.
- A metade do grupo, exatamente a metade masculina, refere influência direta dos pais na vivência precoce do trabalho voluntário, enquanto que as mulheres somente serão expostas ao trabalho voluntário na idade adulta, resultante de escolha própria.
- Todos executam no trabalho voluntário a profissão de formação.
- Todos, exceto uma mulher, executam, no trabalho voluntário, tarefa idêntica ao do trabalho remunerado. Um homem, embora no momento sem trabalho remunerado, quando o teve foi na mesma tarefa do trabalho voluntário.
- Todos os sujeitos referem pelo menos um dos genitores com grau de escolaridade alta, com Superior Completo.

- Todos, exceto um homem, encontram-se em situação financeira compatível com o nível de classe média média.
- Todos, exceto um homem, referem ausência de filiação ou simpatia específica por partidos políticos.
- Quanto a religião, dois se declaram Espírita, um se declara estudante da Doutrina Espírita e um refere adesão a um Catolicismo teórico, não praticante.
- As mulheres declaram privilégios financeiros, como apoios familiares, enquanto os homens se sentem mais responsáveis pelo provimento familiar, sem maiores apoios.
- Os sujeitos nascidos no período anterior à ditadura não relatam experiências político-sindicais, enquanto os mais jovens, nascidos posteriormente, relatam tais experiências.

3 - Caracterização do subgrupo de apropriação (Bernardo e Lúcia).

- Bernardo está desempregado, sem trabalho remunerado no momento, e Lúcia tem emprego formal remunerado bem recente. Ambos foram incluídos neste subgrupo exatamente por estarem na batalha pela empregabilidade.
- Tanto Bernardo como Lúcia, na faixa etária dos 20 anos, nasceram após o golpe que instalou a Ditadura Militar no Brasil.
- Os dois sujeitos têm formação profissional idêntica, Superior Completo.
- São provenientes de estratos diferentes de renda: no extremo mais alto da faixa média média (Lúcia) e no extremo inferior da média média (Bernardo).
- Bernardo é Espírita praticante e Lúcia é Católica não praticante.
- Ambos constituíram família própria, Lúcia mantém o casamento mas ainda não tem filhos; enquanto Bernardo tem uma filha mas dissolveu o matrimônio e voltou ao convívio da família de origem.

- Bernardo é filiado a partido político, do campo da esquerda, e tem experiência sindical.
- Lúcia é cliente de psicoterapia analítica, como complemento à formação profissional.

Após identificação dos principais elementos identificadores e comparando-os com elementos do discurso, é possível discriminar, às vezes de modo confuso e passional, em Bernardo, o seguinte mapa de conflitos:

1 - A imposição dos sonhos e dos desejos dos pais *versus* ambiente universitário *versus* o presente de um futuro anunciado.

Passei em Medicina, tranquei, fiz Psicologia e quase fui expulso de casa, minha mãe queria que eu fosse médico.

No início da faculdade eu entrei na porra-louquice, passei a ter um comportamento que não era comum, alcoolismo, vida sexual promíscua, um vício doentio, acabando com nossas concepções éticas e morais.

Esses garotos com quem trabalho, eles podem virar futuros marginais, que poderão me roubar e até poderão machucar alguém que eu amo.

2 - A incompatibilidade entre o saber, o fazer e o ser *versus* ocupação compulsória em uma posição que já reúne condições para ascensão social.

Sou ex-carteiro, era uma luta interna minha saber a linguagem dos Recursos Humanos e ser carteiro.

Estava trabalhando como carteiro e vivia essa briga interna nos Correios, ser carteiro e fazer estágio como psicólogo.

3 - O desencanto com a profissão *versus* a realidade do cotidiano.

O que me desanimou no trabalho remunerado foi perceber que a minha contribuição psicológica para a consultoria era o de menos, o que estava sendo medido era minha capacidade de resistir à exploração.

Não suportei aquela visão de que todo mundo é objeto de consumo, na qual você não é mais você, então pedi as contas mas perdi muitas coisas na vida.

4 - O desencanto com a moral burguesa *versus* partido político e sindicato.

Eu estive nas redes dos partidos de esquerda, participava do Sindicato dos Correios e fiquei abismado, horrorizado, não há diferença com o povo da direita.

Deixa-se de ser um sujeito participativo, transformador do mundo social, mas a moeda é a mesma nessas minhas entradas e decepções com o sonho petista. Eu sou petista mesmo assim, porém que o PT fique lá que eu fico cá.

O mapa de conflitos, em Lúcia, assume o seguinte quadro discriminativo, mais simples, mais prático, provavelmente evitando maiores subjetivismos pois já faz psicoterapia:

1 - A insatisfação financeira *versus* a perda do poder de consumo.

Comecei a trabalhar para deixar de pedir mesada a meu pai, pois era muito constrangedor, mesmo no início, quando a situação financeira da família era muito boa mesmo.

2 - O constrangimento em assumir trabalho como fonte de subsistência *versus* frustração com a realidade do mercado de trabalho.

Eu mesmo fazia brigadeiro para vender na faculdade, mas era meio envergonhada, quem acabava vendendo eram minhas amigas.

Eu cheguei do estágio no exterior pensando ser a rainha da cocada preta em trabalho com criança psicótica, e alguns professores me disseram para não faça trabalho voluntário com crianças, pois haveria chances de montar logo o consultório. Não foi bem assim.

O trabalho remunerado, hoje, não paga sequer minha supervisão e meu mestrado.

4 - Caracterização do subgrupo de reapropriação (Josimar e Vilma).

- Josimar e Vilma trabalham há, no mínimo, 15 anos, e, tanto o próprio trabalho como o desempenho dos sujeitos são considerados como satisfatórios segundo o padrão social de classe. Esta pertinência ao trabalho formal, remunerado, inserido no quadro de prestígio de classe, orientou a composição do subgrupo.
- Tanto Josimar como Vilma, na faixa dos 45-54 anos de idade, nasceram antes do golpe que instaura a Ditadura Militar no Brasil.
- Ambos são casados, com filhos, e sem ocorrência de dissolução matrimonial.
- Não são filiados à partidos políticos ou sindicatos.
- São estudiosos do Espiritismo e Vilma associa seu trabalho voluntário ao exercício da doutrina..
- Vilma não exerce no trabalho voluntário as mesmas funções do trabalho remunerado, mas utiliza a formação profissional. Enquanto Josimar realiza as mesmas funções, trabalho concreto, nas situações sociais distintas do trabalho remunerado e do voluntário.
- Os dois referem atividade empresarial, Vilma no trabalho voluntário e Josimar no trabalho remunerado.
- Junto com o trabalho remunerado, Josimar fez carreira e aprofundou sua capacitação, enquanto Vilma enceta carreira e aprofunda capacitação na atividade voluntário.

O mapa de conflitos apresentado por Josimar evidencia múltiplas atuações simultâneas para dar conta da atividade remunerada e da atividade voluntária, numa busca de totalização e de realização humana plena:

1 - Os privilégios paradoxais do passado *versus* A frustração da realidade cotidiana dos dias atuais.

No campo intelectual meu pai era muito consultado, vivia junto de pessoas de classes privilegiadas. Não tínhamos poder aquisitivo mas não tínhamos vergonha nenhuma disso.

Não tínhamos carro, nem meu pai pode dar aos filhos uma viagem ao exterior, mas o meio em que vivia era de literatos, na cúpula do poder, íamos ao melhor clube, ao melhor colégio público, mas o irmão mais novo sempre aproveitava a roupa do irmão mais velho. Podendo ou não podendo, vivíamos muito bem.

A gente convivia sem sofrimentos, não havia conflitos de classe, como hoje.

2 - A decepção com o Estado *versus* a fé na coisa pública e as dificuldades em manter privilégios de classe.

A gente fica crítico com a universidade, com o cinismo do governo, mas, apesar de tudo estar ruim não podemos deixar de fazer a coisa pública.

Vejo o emprego, hoje em dia, como uma acomodação das nossas capacidades.

Diferente da minha época, agora nossos filhos tem que estudar em colégio privado, com a globalização tem que estudar informática e inglês, assim o preparo do jovem de hoje sai muito caro. Tive de partir para o consultório privado.

3 - A ausência de realização profissional trabalho remunerado *versus* a satisfação financeira .

O exercício da pediatria é muito desgastante, jamais se é visto como um profissional com capacitação, que favorece uma vida sem doença. Nunca gostei do consultório e nunca enganei meu cliente.

Sempre digo, depois de um convívio maior, que exerço o consultório para manter minha família.

O lado empresarial é muito desgastante, também muito desumano. Se alguém não consegue um bom desempenho tem que ser imediatamente substituído, são coisas bem diferentes de tudo que eu vira antes.

O quadro do mapa de conflitos apresentado por Vilma é mais discriminativo, porém objetivo, centrado na realização profissional:

1 - A luta pela vida *versus* a vitória da morte.

Meu pai morreu de câncer e sei o quanto o câncer agride a família inteira.

2 - A insatisfação financeira *versus* a possibilidade e o limite do cotidiano.

Tem pessoas de índole exigente que vivem pedindo o melhor. Eu não sou o melhor, então porque eu vou exigir o melhor, estou satisfeita financeiramente porque me satisfaço com pouco.

3 - A realização da mulher *versus* tradição no casamento.

Eu fui criada com a concepção de que eu não nasci para lavar louça. Quando me casei às vezes lavava louça achando ruim.

4 - A insatisfação com o cargo que ocupa *versus* não exercício da profissão para a qual foi formada.

No trabalho profissional não faço o que eu gosto, isso por si só explica muita coisa.

O oficial de justiça é uma figura que nem sempre é bem recebido, aliás, nunca é bem recebido. Isso aí me deixa constrangida.

5 - A decepção com a justiça *versus* e a interface com o mercado.

O fato da justiça ser cega: algumas pessoas não querem nem saber. O advogado às vezes está defendendo um assassino e sabe que o melhor seria manter aquela pessoa recolhida para reeducá-la, mas ele só vê o dinheiro e a justiça passa por aí.

Muitas vezes tenho que trancar o que acho dentro de uma gaveta, é difícil amordaçar e deixar a coisa para hora e momento oportuno.

5. Caracterização cruzada dos subgrupos.

- Os homens iniciam-se no trabalho voluntário, na adolescência, com incentivo familiar e anterior à formação profissional.
- As mulheres iniciam-se no trabalho voluntário, na idade adulta, depois da formação profissional.

- As mulheres realizam, de forma mais direta, o sentimento de serem protegidas financeiramente pelas famílias.
- Os homens vivenciam de forma mais concreta as dificuldades financeiras e o sentimento da responsabilidade de provedor.
- Os sujeitos nascidos no período anterior à ditadura militar não relatam experiências político-sindicais
- Os sujeitos nascidos no período posterior à ditadura militar relatam experiências político-sindicais.
- A dimensão religiosa, sobretudo dentro dos parâmetros da filosofia Espírita, funciona como marco ideológico básico de motivação e justificação.

O levantamento dos depoimentos, objetivando mapear os signos recorrentes nesta primeira etapa de aproximação, obtém o seguinte mapa de tópicos discursivos, agrupados segundo famílias de sentido, como exposto no Quadro I:

QUADRO I

Mapa de tópicos discursivos prevalentes, agrupados em famílias de sentidos.

diferença, divergência, mudança, transformação, doação.
instinto, atitude, intuição, hábito, vício.
concepção, verdade, caridade, cultura, transcendência, religião, absoluto.
classes econômicas, obrigação, realização, privilégio, compensação.
motivação, idéias, iniciativa, consciência, ética, espiritualidade.
aprimorar, consolidar, ratificar, somar, respeitar, servir.
coisa pública, espírito público, equidade, solidariedade, cidadania.
justiça, direito, habilidade, reconhecimento, construção.
Futuro, liberdade, identidade, leitura da realidade.
desgaste, resgate, potencialização, sobrevivência.

Recuperando os tópicos discursivos, em estruturas fráscas, o mapa pode ser exposto como no Quadro II:

QUADRO II

Mapa de estruturas frásicas prevalentes.

Ética da solidariedade.
Cidadania participativa.
Capacidade para transformar.
Realidade de um capitalismo ferrenho.
Boa vontade e bondade como compensações.
Competência e compromisso são necessidades de qualquer trabalho.
Trabalho voluntário é escolha livre, fora da política e do dinheiro.
Trabalho voluntário é doação, não necessidade imediata de sobrevivência material

A caracterização geral dos sujeitos e de suas falas reafirma suas condições de paradigmáticos e nos permite, agora, novas aproximações sucessivas, capazes de identificar as diferenças, as lógicas específicas que a organização sócio-econômica autoriza para a significação do trabalho voluntário. Buscar-se-á surpreender as significações e as contradições que pontuam os conflitos e as táticas de superação e composição das estratégias de sobrevivência, sejam imediatas, materiais, ou sejam mediatas, subjetivas.

CAPÍTULO II : DO TRABALHO VOLUNTÁRIO COMO TÁTICA PRIMÁRIA DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DE TRABALHADOR.

Nas sociedades complexas modernas, os sujeitos, cada vez mais, tornam-se complexos identitários: de filho, de genitor, de amante, de consumidor, de telespectador, de eleitor, de trabalhador etc. A presença do trabalho aparece, sempre, segundo a própria natureza dupla e contraditória do trabalho, como tática de construção de identidade, em pelo menos duas dimensões: imediata, de valor de troca, de sobrevivência material, pertinente aos conceitos de força de trabalho e de mercado de trabalho; mediata, de valor de uso, de sobrevivência psicológica, pertinente aos conceitos de satisfação do trabalho e de realização do trabalho.

No presente capítulo serão analisados os dois sujeitos escolhidos como representativos da primeira destas duas naturezas do trabalho, no plano da apropriação das condições de existência em sociedade mediada pelo dinheiro e pelo mercado.

1. O emprego, cadê? O sonho acabou.

O subgrupo de apropriação composto por Bernardo e Lúcia, psicólogos recém formados fornece a lógica de trabalho voluntário, exercido como lugar de formação profissional e curricular, lugar de transição e espera, lugar de treinamento primário em serviço, a preencher o vazio da ausência do trabalho remunerado.

Eu estava desempregado, tinha terminado a faculdade, estava atrás de emprego e sem perspectiva de achá-lo, estava tudo muito difícil no Ceará. (Bernardo).

Quando cheguei do exterior eu não arrumei emprego logo, estou tentando organizar um consultório particular, mas as coisas ficaram muito complicadas, difíceis (Lúcia)

No Brasil, a partir dos anos 1980, as classes médias urbanas, com titulação universitária, passaram a vivenciar a possibilidade de desemprego, algo nunca experimentado antes, fenômeno que se acentuou progressivamente a partir dos anos 1990. Diferentemente do que ocorreu durante o chamado “Milagre Brasileiro”, a nova economia do período militar, quando houve abundância de cargos para jovens recém saídos das universidades e a descoberta da aquisição de eletrodomésticos via crediário, nos dias atuais persiste uma escassez de crédito e de oportunidades no mercado de trabalho, seja nos setores clássicos da agricultura e da indústria, seja nos novos setores de serviço (Singer,1998).

O desemprego que atinge de forma peculiar as classes médias brasileiras é fenômeno novo e destruidor de certezas construídas ao longo de décadas, a partir dos anos 1950, auge do fenômeno sócio-político denominado “Nacional-Desenvolvimentismo”, quando o futuro parecia sempre garantido pelas formas clássicas de compadrio e privilégio entre as elites, mas, sobretudo, pelo acesso à escolaridade superior. O imaginário social informava que ser “doutor” constituía certeza de trabalho imediato e bem remunerado, com prestígio e segurança.

Algumas profissões figuravam como garantia de boa renda e status: Medicina, Advocacia, Engenharia, Professores Universitários e funcionários públicos dos primeiros escalões do governo. Essa lógica de ascensão social formatou consciências e assegurou tradições culturais no seio da família brasileira:

Eu fui educado para ser médico, filho mais velho, aquela coisa de desejo de mãe (Bernardo).

Eu cheguei do exterior e logo fui atrás dos psicanalistas amigos que eu conhecia, mas as coisas haviam mudado (Lúcia)

Os sujeitos que compõe este subgrupo são nascidos pós golpe militar, filhos da geração pré-golpe, que orientou a educação deles no sentido da formação superior, mas não viveram o período politicamente duro da implantação do golpe e, herdeiros das promessas de liberdades democráticas e da reconstrução econômica do país,

passaram a vivenciar a reformulação das possibilidades sociais de mobilização, via organizações não governamentais e movimentos comunitários, além das possibilidades econômicas geradas pela emergência do terceiro setor, no Brasil, como estratégia de realização de políticas públicas sem ser pelo poder público.

Os esforços de descentralização do poder, de gestão colegiada e de parcerias caracterizam o atual momento brasileiro. O fenômeno acontece concomitantemente ou em decorrência da estagnação econômica e do desemprego das classes médias educadas. A liberdade é desejada, mas aprender a reconhecê-la, enfrentá-la e vivenciá-la com êxito é tarefa árdua, o aprendizado não acontece da noite para o dia:

Quando se é adolescente, em época de transição, a gente pensa que liberdade é fazer tudo, brigar com pai e mãe, fazer revoluções, mas significa pensar por conta própria e assumir os riscos (Bernardo).

Hoje liberdade é poder escolher e ter convicção de que estou escolhendo porque eu quero escolher (Bernardo).

Você escolhe uma profissão, vai se dedicar a ela, termina a faculdade, aí é tarde, as chances mudaram (Lúcia).

O mercado de trabalho cria e impõe necessidades que estão de acordo com as necessidades do mercado mas não com as necessidades de realização humana do trabalhador. A reestruturação produtiva e tecnológica cria novas demandas profissionais, que criam novas profissões, por sua vez criando novos trabalhadores, tudo isto assumindo um caráter de urgência e a aparência de uma capacidade infinita de absorção de força de trabalho. Na esperança de realizar sonhos de consumo, de inserção social real e de construção de identidades produtivas, grande contingente de trabalhadores passa a viver o círculo vicioso da busca da realização profissional em cima das ilusões da propaganda. O que mais se acirra é a ideologização da responsabilidade individual, transferindo totalmente para o trabalhador o ônus de decisões nunca suficientemente bem informadas.

Todos os anos, inúmeras novas profissões assomam ao mercado e aparecem um sem número de novos cursos seqüenciais, de extensão, de aperfeiçoamento e de

especialização, sem que diminuam as taxas de desemprego e de exploração da força de trabalho, via baixa remuneração. Fica cada vez mais perversa a ciranda de postos de trabalho vazios, pois não existem trabalhadores adequados, e de trabalhadores vazios, pois não existem postos de trabalho para eles:

Trabalhei três meses numa firma de consultoria, pedi as contas, e perdi muitas coisas porque não suportei ter que pensar em dinheiro, ter aquela visão de que todo mundo é objeto ou sujeito de consumo (Bernardo).

Quando estudante eu era representante de classe, então aproveitava a posição para vender brigadeiro, que eu mesmo fazia, mas era meio envergonhada para vender, as colegas às vezes vendiam pra mim (Lúcia).

A consciência do trabalho enquanto mercadoria (Marx,1980) aparece de forma explícita e contundente, muito cedo, mesmo antes de estar consolidada a identidade de trabalhador na profissão escolhida: valor de troca e valor de uso, expropriação, uso objetual da força de trabalho, venda de habilidades e valores humanos, o sujeito tornando-se objeto e o objeto subordinando os sujeitos:

Então a diretora me chamou, eu estava crente que era a resposta sobre o contrato de trabalho remunerado com as crianças. Quando eu chego lá ela me diz que o projeto não tinha sido aprovado ainda e que, como eu tinha experiência com adultos, poderia ser contratada para trabalhar dez horas remunerada, porém com adultos, e eu aceitei, era o jeito de algum vínculo remunerado (Lúcia)

O capital compra trabalho por meio dos contratos, projetos e prestação de serviços, parcelando-o de acordo com a necessidade da unidade de produção. A jornada por hora expõe o trabalhador a um extremo parcelamento da habilidade e o retira até da exígua rede trabalhista de proteção. A mulher, como vem da tradição histórica do trabalho domiciliar, adapta-se melhor a estas fragmentações de jornada, justificando a disponibilidade pela liberdade de dedicação a outros vínculos, ao cuidado de filhos ou o que for no plano doméstico-afetivo, mas os homens estão cada vez mais carentes, insatisfeitos, sem capacidade para alocar em outras funções os

pedaços de tempo útil disponível. Os profissionais oriundos do mercado liberal vivenciam esta nova lógica organizacional do capital de maneira mais espontânea, enquanto aqueles oriundos da contratação formal de lotes semanais e mensais de trabalho desabam em dificuldades insuspeitas.

O que eu ganho hoje não paga nem minhas despesas pessoais, não paga minha supervisão, não paga meu grupo de estudo, minha análise (Lúcia).

No estágio, como psicólogo organizacional, eu vi isso, a Psicologia ela é muito presa a questão financeira, acaba que o ser humano vira minha fonte de renda (Bernardo).

Era luta interna minha, saber a linguagem do Recursos Humanos e ser trabalhador objeto destes Recursos Humanos, então essa briga interna, essa coisa toda, me deixou muito crítico (Bernardo).

O trabalho remunerado é fundamental porque hoje em dia ninguém vive sem ele, porém você corre o perigo de transformar as pessoas em objeto (Bernardo).

Você só pode pensar em ganhar dinheiro, vira vício, vira uma doença, você tem que ganhar para viver, hoje em dia ter é fundamental, mas ter o quê? (Bernardo).

Bernardo carrega a marca da classe a qual pertence, pois nele o trabalho é, simultaneamente, sobrevivência e realização, e a contradição entre os dois objetivos explode junto com os ideais da profissão. O segmento das classes médias urbanas no Brasil, por meio das profissões assentadas na prestação de serviços, como a educação e a saúde, tem no atendimento aos setores mais excluídos a condição de realização da ascensão social, muitas vezes, mediando interesses do capital em detrimento do grupo que representa e do qual à vezes é parte integrante, essa é uma das formas mais agudas de alienação, de coisificação do processo de trabalho (Shaft, 1979).

2. Meu trabalho é trabalho voluntário, como tática.

No ano de 2001 comemora-se mundialmente o ano do voluntariado. Interessante salientar que o chamado terceiro setor vem adquirindo visibilidade, não apenas contemplando atividades das ONG, mas sobretudo pela participação de pequenos grupos locais no desenvolvimento projetos sociais, com destaque para as áreas de educação e saúde, que são concebidos como serviços prestados à humanidade, como atestam Bernardo e Lúcia:

Vou ser bem sincera, no inicio eu não pensei em fazer trabalho voluntário, cheguei do exterior achando que era a rainha da cocada preta em termos de criança psicótica, que eu facilmente teria trabalho remunerado, inclusive tive professores que disseram para eu não trabalhar como voluntária com crianças psicóticas (Lúcia).

Assim que eu me formei, eu trabalhei sem remuneração em um hospital escola, e eu sentia o reconhecimento do meu trabalho pela equipe (Lúcia)

Trabalho voluntário aparece, nitidamente, para Lúcia, como lugar de preenchimento de vazio profissional, de chance de contactos profissionais e de continuidade do treinamento, na ausência de trabalho remunerado. Mesmo proporcionando reconhecimento é um caminho que permanece à espreita, provisório, sendo utilizado na medida da necessidade. Ela também é capaz de perceber que existe uma certa tensão na imagem do trabalho voluntário, pois parece que seu mais alto prestígio decorre da sua não necessidade. É só quando a pessoa não precisa que ele parece ser mais dignificado. Se precisa, sua militância pode indicar fracasso em fazer carreira profissional real.

Estou trabalhando como voluntária, porque em Fortaleza não tem clínica de atendimento psicológico infantil, então estou interessada que esta experiência aqui dê certo, seja aprovado pelo poder público e se torne chance de trabalho permanente (Lúcia).

Mas, de qualquer modo, esta experiência é uma coisa que eu gosto muito, é um projeto meu pessoal, diferente de uma pessoa que faz um projeto para sociedade (Lúcia).

Para Bernardo, trabalho voluntário assinala um lugar de reencontro com as origens de classe e de gênero, que exige comportamento ético e moral na devolução do conhecimento apreendido, na disciplina de apreender o trabalho como garantia de vir a ser um provedor. Diferente de Lúcia, Bernardo tem um projeto para a sociedade, porém de modo sempre ambíguo, sempre às voltas com uma crise entre a necessidade de sobrevivência e a construção de uma supersociabilidade. As dimensões do trabalho voluntário como apropriador ficam borradas, mas aparecem após aprofundamento da análise, pela tensão permanente com as estratégias de sobrevivência material.

Precisei voltar ao voluntariado porque estava perdido, depois de três a quatro anos de loucura eu comecei a retornar às minhas origens, éticas e morais (Bernardo).

Tenho uma concepção muito própria do trabalho social, não posso passar quatro ou cinco anos numa faculdade pública e não retornar à comunidade aquilo que eles pagaram para mim (Bernardo).

Como Bernardo poderá livrar-se do trabalho remunerado para a dedicação exclusiva a um projeto ético de devolução de esforço social coletivo, se ele faz parte das classes que necessitam do salário para a sobrevivência material? Irá sempre depender do abrigo e da renda dos pais, como renda adolescente? Não irá constituir grupo de descendentes em relação aos quais terá a responsabilidade do provimento? O trabalho voluntário desaliena do trabalho remunerado ou aliena a afetividade compassiva no cuidado com os excluídos? Se o trabalho voluntário pode caracterizar-se como uma forma mais instituída e impessoal de caridade, de que modo poderá resolver os impasses econômicos, políticos e existenciais vividos por Bernardo?

Trabalho com a noção de cidadania participativa, se eu não tiver um movimento de auto estima, de motivação, de resgate do potencial criador. Essas crianças e adolescentes podem virar futuro marginais, daqui a alguns anos podem me roubar, podem machucar alguém que eu amo. (Bernardo)

Trabalho muito com a questão do voluntário cidadão e de sua participação no meio social, quero mostrar que o querer e a boa vontade interessam bastante, mas não é fundamental. O problema é como continuar fazendo tudo isso e ainda cuidar da sobrevivência. (Bernardo)

Projetos inovadores, prestações de serviços a parcelas carentes da comunidade, garantindo participação e defesa de direitos e cidadania, são aspectos básicos pelos quais o terceiro setor se mobiliza, com sustentação financeira pública e/ou privada, através dos convênios com órgãos públicos ou campanhas de arrecadação de fundos junto a instituições filantrópicas e organismo de fomento social. O paradoxo é dado pela sustentação do terceiro setor nos ombros do trabalho voluntário, que tem sido uma característica brasileira, enquanto a lógica macro-econômica exige comportamento empresarial do terceiro setor, exige que ele demonstre capacidade de articular objetivos públicos com meios de empresa privada, flexibilidade, desempenho e eficácia de empresa privada.

O projeto onde Lúcia presta serviços espera ser reconhecido pelo poder público de Fortaleza, visando institucionalização, fluxo permanente de financiamento e a continuidade do atendimento que realiza a quarenta e duas crianças psicóticas, mensalmente. A Associação que mantém o projeto onde Bernardo trabalha mantém-se com verba de convênios celebrados com organismos nacionais e internacionais, o que já lhe garante institucionalidade, formalidade e previsão mínima de permanência. Mesmo que Bernardo viva ambigüidades na sua relação com o trabalho voluntário, as instituições, como se vê, crescem no sentido da organicidade.

Na minha experiência como voluntário na favela, não percebo nenhuma teoria psicológica que abraçasse, que captasse essa riqueza (Bernardo)

O trabalho remunerado me ensinou, me abriu os olhos para a necessidade de mudanças, que nada na vida melhora sem mudanças (Bernardo)

O trabalho voluntário me ensinou a ser flexível, não perder oportunidades, e saber que todo ser humano é um livro, cheio de conhecimentos, que cada qual tem tudo para dar pra gente (Bernardo)

Trabalhando como voluntária eu recebi uma proposta para dar aula numa universidade, eu fiquei na dúvida, pelo fato de eu estar gostando muito do que fazia, mas acabei aceitando as aulas (Lúcia).

As vantagens em ser voluntário estão referidas por esses trabalhadores como oportunidade de aperfeiçoamento profissional e humano, além de um currículo que os torne melhor aceitos no mercado de trabalho remunerado. A qualificação exigida hoje pelo mercado de trabalho é muito alta e a experiência necessária para a obtenção do primeiro emprego pode ser obtida no trabalho voluntário. Exige-se, cada vez mais, trabalhadores capacitados para exercer funções especializadas, embora a maior concentração de oferta de trabalho esteja ainda concentrada nos níveis intermediários, com as funções de apoio.

Quem é voluntário, tem hoje maiores vantagens do que quem, por exemplo, não foi voluntário (Bernardo).

Tem o perigo do trabalho voluntário virar apenas mais um ponto no currículo, é uma questão de leitura (Bernardo).

O discurso hoje assusta: consegui um emprego porque o empresário achou que por ter experiência de voluntário eu teria mais dignidade e mais fôlego para aguentar os rojões (Bernardo).

Sempre fiz o trabalho voluntário por satisfação pessoal, nunca fiz pra ajudar o próximo, sempre fiz pensando em mim, no meu currículo (Lúcia).

O grande receio do trabalho remunerado versus voluntariado é a substituição do voluntariado (Bernardo).

Mas nem o conjunto completo dos valores sociais positivos que foram agregados ao trabalho voluntário é capaz de torná-lo imune aos percalços a que está submetido o trabalho remunerado. A lógica econômica do produtivismo, do desempenho voltado para finalidade financeira, da cultura patrimonialista da exploração da força de trabalho, do carreirismo e da competitividade colocam-se também sobre o trabalho voluntário e podem reformular profundamente seus valores:

O governo tem o programa amigo da escola, mas acho horrível a frase “motive a sua comunidade para comprar um computador”, como se tivéssemos a obrigação de tomar o lugar do governo, é obrigação do governo educar (Bernardo).

Não que o voluntariado não seja bom para a política, para o governo ou para o emprego remunerado. Vejo que ser voluntário me dá condições de ser tudo isso e de me sair bem (Bernardo).

Eu penso que a maioria faz trabalho voluntário para satisfação pessoal, emocional ou curricular, para melhorar o desempenho, como é meu caso, ou para não perder contacto com os campos de trabalho (Lúcia).

Voluntário quer a experiência, não quer outra coisa. Mas independente de eu pensar em mim ou não, acho que um projeto como esse tem que existir. Se esse projeto acabar eu vou ficar morta de pena, pois as crianças precisam (Lúcia).

A natureza do uso do trabalho voluntário vai variar em acordo com o ator político do interesse e com a disposição geral do espírito da sociedade onde ele estiver inserido. Se o ator for o governo, ele pode ser uma extensão ou uma substituição de responsabilidades. Se o ator for uma empresa, ele pode ser contrapartida social para subsídios ganhos. Se o ator for o cliente-usuário, ele responderá pela satisfação de necessidades não atendidas de qualquer outra forma. Se o ator for o trabalhador, as várias táticas de atividade formativa, seja melhoria de currículo, espera ocupada com treinamento, aquisição de prestígio, serão aliadas a várias táticas de construção da sobrevivência psicológica em condições de realização direta precária.

3. Das dimensões do viver: instâncias de mediação indivíduo x sociedade.

O trabalho não está sozinho. Se os papéis e as esferas identitárias são múltiplas, múltiplos também são os filtros interpostos entre os indivíduos e a sociedade, formatando um resultado concreto no nível do indivíduo. Nos discursos dos sujeitos comparece, com grande grau de importância, família, religião e política. Essas dimensões serão exploradas na medida necessária para explicitar o lugar que ocupam, a compreensão que desenvolvem e o papel que se atribuem.

3.1. Família.

Vivemos muito bem durante toda minha infância. Tínhamos empregados, motorista , depois a situação ficou difícil, não precisávamos trabalhar mas os empregados diminuíram (Lúcia).

Quando minha mãe morreu, eu tinha 6 anos. Logo meu pai casou-se de novo. Ele é um homem muito empreendedor. Houve uma época que tive problemas de relacionamento com minha madrasta, coisa do financeiro (Lúcia).

Tenho uma tia que, ao perder o filho de forma trágica, não soube o que fazer mais da vida. Ela levava uma vida burguesa, depois de um tempo passou a se dedicar ao trabalho voluntário, hoje ela passa três ou quatro tardes se dedicando e está muito feliz. É um exemplo que tenho (Lúcia).

Fui educado para ser médico e quando falei em casa que faria Psicologia, quase fui expulso de casa, por minha mãe (Bernardo).

O motivo do divórcio foi minha mulher não entender essa minha entrada na comunidade, esse trabalho social. As desavenças de perspectiva, de visão de mundo, nos separou realmente (Bernardo).

Depois do fim do casamento, retornei para um processo de readaptação à casa dos meus pais, saí da minha casa e da minha lei (Bernardo).

Minha separação foi muito complicada porque eu sempre adorei família, filhos, cachorro, preá, sonho de todo mundo, e com o casamento foram-se quinze amigos também (Bernardo).

Família, em todos os segmentos de classe, ocupa lugar estratégico de construção do ser humano, imprimindo-lhe um conjunto de crenças, valores, ideologias, visão de mundo, e garantindo as condições físicas necessárias à sobrevivência. Nas sociedades modernas, a família vem sofrendo alterações que atestam a evolução dos complexos humanos, mas ainda permanece como lugar de vivências poderosas e significativas.

Para Lúcia, a convivência familiar aparece sem sobressaltos, mesmo registrando orfandade de mãe e perdas de poder aquisitivo. Nada parece ter proporcionado abalos que não tenham cicatrizado, a figura do pai desponta como positiva, matriz de exemplo a ser seguido, assim como a figura de uma tia que avaliza trabalho voluntário enquanto solução, embora a partir de ângulo diferente daquele que Lúcia vivencia no momento.

Mas para Bernardo família ocupa um lugar delicado, sofrido, com experiência de enfrentamento na escolha profissional e dissolução precoce de um casamento, o que impõe cadeia de perdas, no passado, no presente e no futuro idealizado. A ingerência da família na escolha da profissão tem sido comumente utilizada para viabilizar sonhos de consumo ou de prestígio, na expectativa da realização profissional dos filhos.

A família contemporânea vem se transformando em estatística banal, nos meios de comunicação de massa, pela magnitude das dissoluções, pelas violências internas, obrigando jovens a aprenderem comportamentos de suporte para perdas afetivas e aumento de responsabilidades. O fator preponderante para separações precoces reside na imaturidade dos parceiros para conciliação de projetos individuais, como é o caso de Bernardo.

3.2. Religião.

Como voluntário eu já trabalho há muito tempo, pela religião. Por isso não posso separar religião de trabalho voluntário (Bernardo).

O espiritismo faz a coisa parecer como coisa da bondade, da caridade, do temor a Deus e que vou ajudar por ser bom. Hoje não é isso, é perceber que aquele ser humano faz parte de uma teia, que ele é um ponto numa rede de relações sociais, e que se você não tiver essa visão de rede de relações, você pode se prejudicar e ao outro. É preciso uma visão mais ampla do que é o ser humano, do que a comunidade, do que a classe social (Bernardo).

A leitura hoje é outra, mesmo dentro da religião, não mais ser caridoso, mas fazer uma leitura adequada e solidária do ser humano (Bernardo).

A contaminação, a deturpação da religiosidade, dos conceitos morais, a marginalidade do trabalho remunerado e a prostituição do conceito do trabalho voluntário, essa visão adoece (Bernardo).

Então eu não sei se é pessoal se é religioso, não sei se é voluntariado, mas assim tudo que eu faço hoje eu tiro proveito do conhecimento (Bernardo).

Sou espírita há anos, desde que nasci, sou apaixonado, agora eu entendo o que é ser espírita: é estar ligado com o voluntariado, é ter boas atitudes, é transformar sua vida de ação em atitudes, é ver o próximo como ser humano, que existe social, política e religiosamente (Bernardo).

Sou católica não praticante (Lúcia).

As instituições religiosas compõem o arcabouço explicativo das condições de existência incrustadas nas redes formais ou informais do cotidiano. Religião é complexo ideológico/cultural poderoso que sustenta ações de grupos e Sistemas sociais. Tem marca histórica a convivência da religião com a filantropia e os serviços de amparo e cuidado, na saúde, na educação e na assistência social.

Para Bernardo, a doutrina espírita fez-se presente desde cedo, uma crença passada de pai para filho, um sistema orientador de condutas e regras para bem viver, e, como crença ou sistema orientador, emerge o trabalho voluntário em campanhas de ações beneficentes.

Mas este sistema poderoso, que conforma identidades, também sofre intervenções e fragmenta-se diante de um novo complexo de verdades. Para Bernardo a religião aparece primária, pela voz do pai, depois, por opção, ela retorna, mas sob releitura pela profissão e pelo saber de psicólogo. Este novo olhar permite a Bernardo submeter ao crivo de seu conhecimento todas as esferas da vida, não mais apenas ser caridoso, mas, sobretudo ser social, pensar o ser humano em construção através de teias e redes de solidariedade.

Lúcia, refere uma relação informal com a religião, característica de muitos jovens que permanecem ligados às crenças das famílias de origem, sem, contudo, participarem efetivamente de rituais e das concepções transcendentais.

3.3. Política.

Penso que o trabalho voluntário representa iniciativa que substitui aquilo que o governo não faz, então os grupos de pessoas se unem e colocam a mão na massa (Lúcia).

Eu atendo crianças tão pobres que só vir à clínica já paga o atendimento e faz o vínculo. Tem família que se não recebe o vale transporte, não tem condição de vir, e o governo tem que assumir isso, como terá que assumir minha remuneração, pois pagar meu grupo de análise e meu mestrado fica muito caro (Lúcia).

Eu faço uma série de críticas e não sei se são válidas. Eu sei que as esquerdas batalham por uma situação social melhor, mas enquanto isso não chega o povo está morrendo de fome e eu não posso deixar pessoas morrerem de fome, preciso fazer o que o governo não faz (Bernardo).

Meu sonho utópico é que os políticos sejam todos voluntários, sem profissionalizar a política, para poder fazer um trabalho belo para a população brasileira, pois o nosso problema é acima de tudo humano. Está faltando humanismo (Bernardo).

Você não pode esperar só que o governo faça, ou brigar o tempo todo, na rua, quebrando carro e levantando bandeira. Vou arregaçar as mangas e fazer, vou mostrar, em atividade, o que sou capaz de fazer, e não preciso nem mostrar, eu estou fazendo, e basta que aquele que eu ajudo possa ver (Bernardo).

Política articula relações de poder que sustenta atividades entre grupos sociais e estabelece parâmetros de autonomia e vínculos de escolha, partidária ou ideológico/cultural. Bernardo e Lúcia, embora registrem trajetórias e experiências diversas na questão, coincidem no entendimento de que ao governo cabe a responsabilidade de enfrentamento da miséria e da exclusão.

Lúcia procura clarificar seu propósito de comprovar a necessidade de atendimento psiquiátrico para as crianças pobres residentes em Fortaleza. Assim, trabalho voluntário não pode servir como pretexto para a omissão dos governos, mas

parceria que expanda as possibilidades de atendimento das reais necessidades da população, com sua participação efetiva.

A trajetória militante de Bernardo lhe confere posto de crítico do trabalho dos grupos de esquerda. Ele nutre a esperança de transformar a ordem social, reduzindo as desigualdades econômicas e políticas que confere, a partir da posição de classe que ocupa, do conhecimento que o instrumentaliza, da práxis desenvolvida no trabalho voluntário.

Esses depoimentos informam sujeitos em luta com suas verdades, construindo de modo coerente uma visão de mundo que inclui a família, a religião, a prática política e o trabalho. Este quadro maior de experiências revela o lugar do trabalho, formador de identidade e propiciador de sobrevivência. Estes jovens trabalhadores de classe média, na vigência de uma crônica crise de empregabilidade, vinculados ao setor de serviços, na fronteira entre a lógica liberal, o assalariamento e a dedicação a missões generosas, civilizatórias, estão sendo capazes de encontrar formas de elaborar a própria história dentro do trabalho voluntário, como tática de educação continuada, de espera das possibilidades de inserção formal no mercado de trabalho e de espaço de militância humana, solidária e cidadã. No trabalho voluntário há uma prática e uma esperança.

CAPITULO III

DO TRABALHO VOLUNTÁRIO E DA SATISFAÇÃO DE TRABALHAR

Para a identificação das mediações, dos eixos de significações, valores e satisfações que ocorrem, especificamente, nas múltiplas e contraditórias relações existentes entre alienação (experiências de contradição, estranhamento e antagonismo entre criador e criatura, produtor e produto, sujeito e objeto, subjetividade e objetividade) e ideologia, convém explorarmos e traçarmos de modo analítico as táticas de organização da identidade que afloram neste subgrupo, metodologicamente destinado à investigação do modo de reapropriação.

Josimar e Vilma são trabalhadores com status, renda e proteção trabalhista acima da média dos trabalhadores brasileiros, são funcionários públicos aprovados em concurso público, desempenhando funções de prestígio e tirando sustento e suporte psicológico deste desempenho há, no mínimo, 15 anos.

Ele é médico pediatra, com carreira universitária, desenvolvendo inúmeros projetos junto a equipe multiprofissional em relação á qual já ocupou cargo de chefia. Faz atendimentos clínicos em consultório particular e trabalha como sócio fundador de uma empresa de medicina. Ela é economista, desempenhando a funções específicas, junto a juizes, advogados, promotores e desembargadores. Embora tenham construído identidades de trabalhador em campos diversos, têm traços em comum, e esses traços podem ser surpreendidos no discurso de ambos, quando então vamos analisar e surpreender como a atividade trabalho comparece nestes discursos, e como esses sujeitos elaboraram, apropriaram e agora se reapropriam do trabalho enquanto construção de identidade.

1. Da vitória em obter emprego à insatisfação do trabalho.

No discurso de ambos, identificamos tópicos discursivos que permitem o rastreamento e a elaboração de uma análise mais acurada: realidade, verdade, disciplina, inconformismo, compulsão ao trabalho, fatalidade, inteligência, maturidade, perfeccionismo, rebeldia, solidariedade, deveres, direitos, realização pessoal, realização profissional, religiosidade, conservadorismo, vaidade, humildade, segurança, provocação, certeza, sustentabilidade, desgaste, sociabilidade, individualismo, satisfação, plenitude e orgulho.

1.1. O trabalho, a remuneração e a insatisfação.

Josimar apresenta-se como integrante de uma corrida permanente: correu atrás do salário na universidade, correu atrás da renda liberal no consultório e corre agora, sem ter saído do páreo das outras corridas, atrás do lucro numa empresa. Mas em todas não há entrega, paixão, somente o sentimento do dever e a expressão de desgastes.

No dicionário o verbo desgastar significa gastar a mais, consumir-se pelo atrito, destruir-se pouco a pouco. É assim que Josimar vive a vida: consumido pelo consumo, entre o fascínio inadequado da empresa, o exercício forçado da clínica e a insuficiência financeira da universidade, segue inconformado com as surpresas trazidas pela realidade. Assinala a surpresa de viver em época tão diferente da de seus pais, quando era possível viver com tranquilidade, criar os filhos sem globalização, colégio privado e informática. Cada tática de sobrevivência no mercado de trabalho oferece uma satisfação pontual e muitas e difusas insatisfações.

Tenho um consultório privado, na verdade é o que me sustenta. A empresa é muito fascinante, mas eu não tenho perfil de empresário, jamais procurei saber quanto a empresa arrecada ou gasta (Josimar).

A universidade não é suficiente em termos financeiros para suprir as despesas familiares. Tenho quatro filhos e, diferente da minha época de criança, agora os filhos têm que estudar em colégio privado, têm que estudar informática e inglês, o que deixa muito caro o preparo dos jovens (Josimar).

A empresa, é para dar condições de trabalho aos meus filhos, nela existem muitas funções (Josimar).

O exercício da pediatria é muito desgastante, seguimos uma criança e por maior que seja o esforço, o atendimento é quebrado, de intercorrências, no momento da febre, da dor, da infecção. Jamais se é visto como um profissional para favorecer uma vida sem doença (Josimar).

Vilma constrói metáforas para nos avisar de sua insatisfação: não está realizada profissionalmente, tem uma formação que não usa profissionalmente e a profissão que ocupa foi escolhida pelo salário. Mantém num bolsão de expectativas a formação original, trabalha pela sobrevivência, organiza o tempo para incluir a vida familiar e simboliza sua vida como cheia de constrangimentos.

Nos dicionários, constrangimento desdobra os significados de estar impedida de se movimentar, em situação muito apertada ou violentada. Vilma sente-se constrangida porque constrange o outro, na sua prática profissional nunca é mensageira de boas notícias, pelo contrário, o que leva aos outros são intimações e vergonhas, então busca consolo na possibilidade intuída de estar satisfazendo o outro lado da questão mediada por ela, mas este outro lado é invisível.

Seu trabalho como Oficial de Justiça lhe revela que a Justiça não é cega, pois não transforma, não reeduca, permite o triunfo do dinheiro e, no limite, a justiça é injusta. O fato de ter escolhido o trabalho pelo valor de troca do salário lhe permite a clareza de ver o trabalho, este trabalho, apenas como passaporte para o consumo. São agudas as insatisfações.

Onde sou menos realizada é no trabalho profissional, não sei, acho porque não faço o que gosto (Vilma).

Eu escolhi essa profissão pelo salário que ela me dá, agora vejo que também pelo tempo que ela me deixa livre, para o trabalho voluntário (Vilma).

Hoje estou livre, para minha família. Depois das atividades de cada um, à noite, eu me reservo para meus filhos e marido (Vilma).

O oficial de justiça é uma figura que não é bem recebido, pois sempre leva uma notícia que a pessoa não quer receber, isso me deixa muito constrangida (Vilma).

O advogado às vezes está defendendo um assassino e sabe que o melhor para aquela pessoa seria estar recolhida para se reeducar, submetido à força da lei, mas ele só vê a vantagem de ganhar o caso e com o caso, a justiça passa por aí (Vilma).

1.2. O vazio do trabalho alienado.

A constatação de uma vida vivida em retalhos, fragmentada, trabalho em quantidade mas sem qualidade afetiva, emocionalmente compensatória, está descrita nas construções simbólicas entranhadas no discurso de Josimar, com a precisão de uma navalha: não há realização na atividade de caráter compulsório, mas também não há nas atividades engendradas para superar o conflito instalado. As soluções encontradas guardam a mesma natureza, muda-se a aparência, o *locus* de realização, acrescentam-se novas formas de ganhar a vida, multiplica-se alternativas, mas tudo se iguala em essência no mesmo vazio.

O círculo vicioso em busca da satisfação se alarga e se alastra: se o governo não contempla e não garante o futuro, essa insegurança impacta sobre as outras estruturas e as soluções encontradas, oferecendo cenário para uma cultura cheia de não ditos e de interditos. O que sobra é o consolo de ser um homem de idéias, uma fábrica de planos e sonhos, pequena compensação também ameaçada pelas urgências práticas, pela insensibilidade do cotidiano.

Nenhuma atividade me realiza por inteiro (Josimar).

A gente fica crítico com a universidade, com o cinismo do governo, com o rumo que a universidade vem tomando neste país (Josimar).

Nunca gostei do consultório, mas nunca enganei meus clientes, sempre digo depois de um convívio maior que faço consultório só para manter minha família (Josimar).

O lado empresarial é muito desgastante, fascinante mas muito desumano, a empresa precisa vir sempre na frente, se alguém não consegue um bom desempenho tem que ser imediatamente substituído.(Josimar).

Na empresa eu fico com a parte das idéias, sou uma fábrica de idéias. Na faculdade também, mas lá tudo pode afundar pois muitas vezes nos limitamos a dar aulas (Josimar).

1.3. A saída, o trabalho significado.

O trabalho, na vida adulta, constitui-se no fio condutor que estrutura a construção das relações a serem experimentadas em processos objetivo/subjetivos: os significados atribuídos à atividade trabalho determinam níveis de conflitos e, conseqüentemente, as condições de enfrentamento e de superação do sofrimento psicológico decorrente dos conflitos.

Vilma nos oferece, com sua praticidade, um retrato bem acabado da condição da mulher representante das classes abastadas: a tradição cultural revela a hierarquia do trabalho na formação das classes sociais, gerando papéis de gênero e de sobrevivência. A mulher pobre pode exercer o trabalho doméstico, por exemplo, como trabalho assalariado nas residências de outros. Para enfrentar o cotidiano concreto, surge a solução mágica da transcendência: Vilma, se mostra, se revela, em busca da sobrevivência, a religião usada como amortecedor dos impactos, como ponte para as rupturas, como trama de explicações para o real.

A ideologia orienta, sustenta e justifica a ação de grupos e indivíduos, sendo sua principal função prática fazer a vida parecer que é vivida sem contradições, sepultando em camadas a real aparência dos interesses que conduzem as ações. Se a religião ressignifica o trabalho para Vilma, para Josimar é o ideal iluminista do conhecimento.

Fui criada com a concepção de não ter nascido para lavar louça, não devia lavar louça, e quando me casei às vezes lavava louça achando ruim. Quando eu li que o trabalho é a quintessência do espírito, então passei a lavar louça e agradecer a Deus pelo meu corpo saudável e pelo meu espírito (Vilma).

Me realizo muito, com os alunos, pelo repasse do conhecimento, não só livresco, mas de condutas. Acho que o professor passa muito a forma de encarar a vida para os alunos e isso me realiza muito (Josimar).

A universidade, com os programas que criei e a equipe que formei, me deixa muito feliz, o trabalho é muito interessante, somos uma equipe e estamos proporcionando qualidade de vida às crianças atendidas (Josimar).

Do amálgama ideológico necessário para compor a vida, normas e princípios podem comparecer justificando ações. Tais justificativas podem ocorrer em acordo e na medida em que a fragmentação, causada pela ruptura aparential da relação subjetividade/objetividade, determinar: são experiências vividas anteriormente e a partir das matrizes estratégicas da composição do ser humano.

Família é celeiro de formatação da consciência, da composição identitária e das lógicas de funcionamento das relações entre indivíduos, grupos e sociedade. Rastrear a família é surpreender o *locus* de incorporação de vínculos, valores, hierarquias, interdependências e autonomia, como estabelecidas por Josimar e Vilma:

Eu nasci católica, de família católica, e eu já tinha isso, de ser voluntária. Procuro seguir os ensinamentos de Cristo, as maiores armas dele, humildade e amor, continuam atuais (Vilma)

Meu pai morreu de câncer e eu sei o quanto o câncer agride uma família. Quando se tem uma certa condição é melhor porquê há como pagar alguém para lhe ajudar. Quando não se tem condições, deve ser terrível, principalmente as mãezinhas que tem que largar tudo lá no interior (Vilma).

Eu e meu marido somos funcionários públicos. Meus pais tinham condição e ainda, vez por outra, me ajudam. Meus sogros também. Agora ficou apertado, pois minha sogra morreu e essa ajuda acabou. (Vilma)

Estou satisfeita financeiramente porque me satisfaço com pouco. Temos as coisas básicas, boa moradia, boa educação para os filhos, assistência hospitalar garantida, enfim, as necessidades básicas (Vilma).

Tem pessoas de índole exigente, que vivem exigindo o melhor, eu não sou a melhor, então porque eu vou exigir o melhor (Vilma).

A família fornece a régua e o compasso para a construção do futuro, a partir da posição de classe e das possibilidades incluídas na hierarquia social, na construção de gênero e no conhecimento adquirido: Josimar, logo cedo aprende a trabalhar, por meio do incentivo do pai, não entende bem a função, mas sente que a obrigação de trabalhar pode ser equacionada a partir do privilégio que desfruta, ter boa palavra, relacionar-se com amigos importantes, viver austero mas compreensivo, respeitoso com os de cima, generoso com os de baixo. O mundo parecia harmônico, sem lutas de classe.

No Brasil de ontem, ainda hoje em muitos lugares, está reservado ao homem e a mulher lugares diferentes dentro da sociedade; ao homem a obrigação de provedor da família e, enquanto tal, terá que aprender a trabalhar desde cedo, seguindo o exemplo do pai, do avô e sucessivamente, embora já possamos perceber a exaustão desse modelo, a partir das queixas, e mesmo do sofrimento de alguns.

Às mulheres está reservado o espaço do lar e o exemplo feminino da caridade, não exigente, contida nos sentimentos de compaixão, para condução das artes de ser mulher conformada, protegida pela poder econômico dos pais, e de ser mãe.

Embora à exemplo dos homens, esse modelo também venha sofrendo consideráveis mudanças detectadas no aumento de mulheres ocupando, chefias de famílias, se responsabilizando e/ou colaborando com o sustento financeiro da mesma; também estão ocupando postos de trabalho notadamente nos setores de serviços, num fenômeno bastante visível, através da mídia e estatísticas (Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia, IBGE, 2000).

Vilma e Josimar trilharam esse caminho.

No trabalho remunerado faço o meu horário e sobra tempo para o trabalho voluntário, parece que tudo estava se encaminhando para que eu me realizasse pelo trabalho voluntário (Vilma).

Na época que fui criança não havia conflitos de classes, parece que tempos atrás não havia conflitos econômicos,

podendo ou não podendo, tendo ou não tendo, vivia-se bem, sem sofrimento (Josimar)

Estudava em colégio público pois não podia estudar em colégio privado, aproveitava sempre a roupa do irmão mais velho, eu e meus irmãos não tínhamos vergonha por não termos televisão e geladeira quando outros já tinham. O consumismo veio depois, pela mão da propaganda (Josimar)

Meu pai sempre esteve na cúpula do poder. A justiça pagava pouco, mas podíamos frequentar o melhor clube, o melhor colégio público e viver no meio de classes econômicas privilegiadas, sou dessa classe (Josimar).

Minha vida profissional começou depois de formado, mas o trabalho voluntário começou desde o colégio, pela mão de meu pai. Íamos ouvir os presos e ajudávamos no que era possível. E nunca vivi ameaça de sequestro, isso não passava pela cabeça de ninguém. Mas pensando na diferença de idade entre mim e os presos, meu pai decidiu me levar para o trabalho voluntário com os menores, junto com vários grupos religiosos. Tenho certeza que quando temos algo a mais, seja riqueza ou uma palavra oportuna, temos que doar, é para os outros, mas a obrigação é conosco (Josimar).

2. Recuperando a satisfação pelo trabalho, no trabalho voluntário.

Quando a ruptura subjetividade/objetividade torna-se insuportável, estamos em sofrimento psicológico e, na persistência da ruptura, adoecemos mentalmente; o conflito expressa o estranhamento, a contradição e o antagonismo; modo de reapropriação explícita como sujeitos superam esses conflitos na construção de soluções no cotidiano real. Trabalho voluntário é atividade que, ao longo da história dos homens, vem adquirindo formas variadas de ser exercido, mas sempre podendo significar para muitos indivíduos o lugar de superação da ruptura subjetividade/objetividade.

Vilma e Josimar identificam-se como plenos, dignos, viciados em doação, vaidosos, completos, privilegiados, bons, caridosos, compensados, determinados, preenchidos, atendidos, instintivos, realizados, encaminhados, imprescindíveis, importantes, doadores, capacitados, padrões de si mesmos, transcendentais, despistadores, saudosos do passado, servidores do presente, ligados ao futuro, por serem trabalhadores voluntários.

Quando faço uma atividade voluntária eu faço para mim, estou atendendo minhas necessidades como gente, como homem próximo da plenitude - acredito não haver plenitude absoluta -, mas estou em busca do homem absoluto. (Josimar)

Trabalho voluntário é como um vício, aquilo passa a fazer parte do seu dia a dia, e doar-se se torna tão necessário que faz mal não trabalhar (Vilma).

Para mim o trabalho voluntário me completa, me dignifica, estamos realizando uma verdade total (Vilma).

Do serviço público eu tiro realização profissional, do serviço privado eu tiro ganho financeiro, do trabalho voluntário eu tiro satisfação e muita vaidade, isto é um perigo, somos vaidosos por natureza.(Josimar).

Procuro não conversar sobre minha atividade voluntária, mas quando me convidam para alguma coisa às sextas feiras, na hora do expediente na comunidade, não aceito e explico o motivo, sinto o espanto dos outros (Josimar).

O voluntário, por ser voluntário, não recebe pagamento financeiro. Assim ele precisa receber em outro lugar, ele precisa estar em outro lugar recebendo a parte remunerada (Vilma).

Não digo que sou voluntário por estudar a doutrina espírita, pois minha experiência vem de eu me sentir com um privilégio que poderia usar a serviço dos outros, mas isso atendendo a mim como se fosse uma compensação dessa vida privilegiada.(Josimar).

O programa serve para enganar um pouco, não enganar, não é o que queremos, o melhor termo é despistar a falta de escola para as crianças, preencher aquele vazio (Vilma)

Dentro do trabalho voluntário só boa vontade não resolve, então comecei a me capacitar, hoje eu sei que o trabalho voluntário é muito mais transcendente do que fazer apenas porque a religião determina, do que você se sentir cidadão (Vilma)

Tem quem ache que o trabalho voluntário pode ser também o trabalho remunerado, quando for feito com o coração, mas eu não acho, tem que ser de graça, tem que se dar de graça o que de graça for recebido, o trabalho tem que fazer você sentir-se digno, deitar a cabeça no travesseiro e pensar: recebi e fiz, com dignidade (Vilma).

Josimar e Vilma, ao buscarem compensações e significados para superarem o desgaste, o constrangimento, as infelicidades, os inexplicáveis sentimentos de vazio, encontram no trabalho voluntário um resultado vitorioso. O processo de compensações, reacomodações, reconstrução de significados e objetivos, explicações e justificativas reparadoras, qualifica tal dinâmica como um antídoto eficaz para o mal estar difuso, para o sofrimento psicológico decorrente de impasses e dissonâncias, tanto cognitivas como morais. Quanto mais trabalho remunerado, mais aparece a sensação de tornar-se coisa e mais aparece a necessidade de recuperar a vitalidade, a utopia da integração e da plenitude. A análise das auto-imagens identifica alguns elementos que merecem análise em maior profundidade, pois apontam paradoxos: viciados, vaidosos, enganadores e despistadores, colocam problemas novos a serem desvelados. Se a sobrevivência está garantida, se prestígio social foi acumulado, se há garantia de seguros e seguridades para o futuro, o que inquieta estes trabalhadores? A inquietação encontra no trabalho voluntário um antídoto poderoso, então por que a inquietação retorna e novos processos de equilíbrio são convocados, e novas desconexões aparecem?

3. Reapropriação, sempre, constante, segundo a necessidade de cada um.

O ser humano está exposto cotidianamente a desafios, limitações, agressões e mudanças vitais, de acordo com o processo de construção da relação objetividade/subjetividade, sendo portanto impossível estabelecer situação protetora definitiva para o enfrentamento do real, e a postura crítica, de alerta ao antagonismo, resulta em busca constante de significações e compreensão para a vida humana.

Sentirem-se plenos e satisfeitos no exercício do trabalho voluntário não representa superação da contradição inerente ao terceiro setor como um espaço de construção humana, submetido às normas, às ideologias e à estrutura orgânica que também o subordina às vicissitudes do primeiro (público) e do segundo(privado)setores.

Trabalho voluntário, portanto, em alguma medida, estará reproduzindo trabalho alienado, porque inescapavelmente incrustado na esfera político-econômica; obriga os trabalhadores a buscarem também nesse espaço de construção do ser humano novas formas de superarem desafios cotidianos, envolvendo principalmente mercados financeiros a ditarem possibilidades e limites de atendimento das necessidades humanas de proteção e inclusão social.

Josimar e Vilma, em alguma medida, exprimem o desejo de eliminar todos os conflitos, na construção de um trabalho idealizado como harmônico.

Tenho uma experiência que é parte da verdade, mas pode ser a verdade inteira e eu tenho muita consciência disso (Vilma).

No estatuto da associação a primeira cláusula é não ter caráter religioso, não ter fins lucrativos, nem políticos, porque quando mexe com capital, religião e outros interesses, sectariza e atrapalha, e nós queríamos uma coisa acima de tudo isso (Vilma).

A neutralidade perseguida, ou, numa linguagem marxiana, o bonapartismo de estar acima das contradições do mundo real, por alguns segmentos do terceiro setor esbarra na dinâmica impressa pela lógica do mundo real. Mas é possível verificar na agenda das ONG o que aponta para a qualificação de funcionários, como um esforço acima do usual, para estabelecerem a diferença principalmente com o setor público no oferecimento de serviços, e então desfrutarem de posição privilegiada junto à população na disputa com o mercado e com o governo.

O mundo precisa ser mudado, isso todo mundo concorda, mas as pessoas querem mudar o mundo mudando os outros, esquecendo que a forma mais fácil de mudar o mundo é cada um mudando a si mesmo, naturalmente. Assim, sem nenhum trauma, o mundo vai mudar (Vilma)

O desejo de transformar o mundo em um lugar melhor para todos, sem exclusividades e privilégios, no sentido estrito destas palavras, por si só não garante que ocorram mudanças estruturais capazes de modificar um Estado e um Sistema Econômico, que contemplem indivíduos, grupos e alianças societárias, interesses, poderes, normas e garantias que estructurem processos sociais não excludentes.

A lógica requerida para o enfrentamento deve abarcar relações ancoradas em ações que contemplem abertura às múltiplas necessidades culturais, sociais e políticas, na busca de valores que apontem cidadania enquanto direito e compromisso ético concreto.

Não sou filiado a partido político, nunca trabalhei no sindicato, mas gostaria de ter trabalhado, acho muito importante(Josimar).

Para mim, cidadania vai muito além dos direitos que eu tenho, é construir e transformar o mundo enquanto cumpro meus deveres(Vilma).

Eu não tenho identificação política, mas penso que é preciso ter direitos e deveres para sermos cidadãos (Josimar).

Josimar e Vilma, embora tenham encontrado satisfação no desempenho das atividades voluntárias, percebem, como num grito de alerta, esferas a serem trabalhadas pelo terceiro setor na busca de qualidade e garantia da significação constante do trabalho executado. O engano, o vício e a ilusão presentes no trabalho remunerado podem facilmente ser detectados também no trabalho voluntário, e acabar com qualquer sonho mais perene de um agir significado.

Criatividade é parte inerente ao homem, auxilia o processo de construção da personalidade e da identidade, é elemento essencial no enfrentamento do cotidiano de homens e mulheres na proteção à ruptura subjetividade/objetividade, na construção da possibilidade de felicidade. Josimar e Vilma trilham esse caminho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, tivemos como propósito investigar trabalho voluntário, considerando o lugar estratégico que ocupa nas sociedades complexas, modernas e globalizadas. A partir do modo como ele comparece na vida dos sujeitos, como formatador de identidade profissional (apropriação), quando então se constitui como caminho para alcançar uma carreira profissional, ao substituir trabalho remunerado na ausência do emprego, gerando prestígio e possibilidade de visibilidade social, e como formatador de satisfação/significação (reapropriação), quando então repara o trabalho alienado, fornecendo condições de proteção, recuperação da satisfação de trabalhar e antídoto à ruptura aparential subjetividade/objetividade, possibilitando o enfrentamento qualificado dos desafios do real e possibilidades exitosas de superação dos impasses.

Para tanto, fez-se necessário traçarmos mapas dos conflitos enfrentados pelos sujeitos paradigmáticos e das soluções encontradas por eles na manutenção de perfis satisfatórios à composição de uma identidade criativa.

1 - Das táticas de apropriação à construção da identidade.

Os sujeitos desse grupo perseguem um ideal de ser no mundo, antecipado pela visão de sua época e nomeado pelo *status* que o conhecimento técnico pode oferecer. Todo o ideal a ser buscado, na forma de entender o mundo, está dado pelo uso e pela aplicação da profissão escolhida, mesmo que a promessa da qualificação acima da média tenha sido quase um engodo e o emprego perfeito teime em não chegar. Podemos perceber um paradoxo permeando o discurso de Lúcia e Bernardo que atravessa as expectativas de realização profissional, a partir do lugar em que cada um ocupa nos grupos sociais de pertinência e das experiências vividas em seus inícios adultos de vida.

Lúcia retrata com muita clareza o desempenho da mulher moderna, lúcida, preparada para uma trajetória individual em sociedades complexas, que exigem manuseio de variados instrumentos técnicos e emocionais no desempenho da vida laborativa. Ela persegue realização pessoal e felicidade, não mais por meio do casamento, como antigamente, mas sobretudo, na profissão escolhida. Em seu discurso, claro, conciso, fica explícito seu projeto pessoal, descolado de compromissos da ordem do coletivo, o qual não se constrange em assumir.

Aparentemente não estamos tratando com alguém desprovido de sentimentos solidários, mas consciente da carreira que quer construir e do lugar que ocupa nas estruturas organizacionais da sociedade. Não é mais outro sujeito de gênero que cabe a tarefa de prover, é ao governo que cabe prover e aos profissionais, homem ou mulher, cabe o trabalho diligente, ético.

O discurso de Lúcia aponta para a família, sua fonte de inspiração, sobretudo para a figura empreendedora do pai trabalhador na construção civil com bem sucedida carreira junto ao poder público. Aproveita também a solução encontrada por outros parentes que buscaram trabalho voluntário como fonte restauradora de sentido para vida, depois de ver instalado a frustração pós perdas afetivas significativas.

Lúcia não adere sofregamente ainda a nenhuma ideologia, podemos perceber que retira da religião, da política, da psicoterapia analítica, o suficiente para marcar posição crítica naquilo que lhe é interessante. Não há queixas em Lúcia, há constatação sobre a ausência do governo, a miséria da população que atende e do caminho que quer seguir no futuro, reconhecido e, decididamente, remunerado.

Lúcia nos exhibe a leveza de um passado sem atividade compulsória de trabalho, apenas o suficiente treino quase lúdico para a experiência, o de ganhar a própria mesada, revelando uma particularidade de classe, um jeito de estar no mundo, ao constranger-se com o exercício de aprendiz de micro-empresário. Sua incursão no mundo do trabalho é decisão própria, livre, articulada e planejada, acontecendo o mesmo com o exercício do trabalho voluntário, do qual faz trampolim para carreira que pretende bem sucedida, como marca dos valores e costume de sua classe social.

Lúcia não vê razão para exercer trabalho voluntário a não ser que seja para satisfação de interesses particulares, e generaliza essa concepção para o universo de trabalhadores, apontando também para o oportunismo do governo no manejo prático e simbólico do trabalho voluntário.

Bernardo, por sua vez, reúne leque de experiências vividas, principalmente no trabalho voluntário desde a adolescência, junto com questões de classe, de religião, de política e de gênero, compondo arquipélago existencial de variadas significações.

Seu discurso, denso, comovente, revela o projeto social de incluir-se/incluindo, e esta tarefa é árdua. Nas sociedades capitalistas, trabalho, como valor de uso, inclui e aglutina, mas trabalho, como valor de troca, exclui e desagrega. Ter emprego, com garantia de consumo para si e para o grupo de compromisso, vira sonho, coisa quixotesca, de difícil leitura e compreensão para o outro. Bernardo perde renda e se rende à possibilidade de um projeto utópico, mas que lhe confere, inadvertidamente ou conscientemente rejeitando, currículo adequado para as exigências do mercado.

As inscrições ideológicas que formatam o vir a ser no mundo têm peso; ser provedor como homem que é, ser solidário como a religião que apregoa, ter compromisso com assinalado partido político de esquerda, do qual é militante, confere desafio particular à composição de seu desempenho identitário.

O trabalho voluntário permite a Bernardo realização da solidariedade religiosa e o exercício do compromisso de cidadania, mas não permite que seja provedor de si e da família, obrigando-o a desfazer casamento e voltar para a casa paterna, assim, como confessa num lamento, perdendo a própria casa, perdendo a própria lei.

As camadas médias urbanas brasileiras, além do sonho cultural de ascensão social via projeção acadêmica, ainda esperam usufruir poder de consumo via empregabilidade, embora a competição acirrada pautada pela internacionalização do mercado reserve a poucos o exercício do consumo ideal e da inserção esperada.

Bernardo está no contra-fluxo da maré; na compreensão da família para qual deveria ser provedor, aliena-se, no trabalho voluntário; para si e para os beneficiários dos projetos sociais que realiza desaliena-se ao deixar o trabalho remunerado. A frustração objetivamente acompanha seus dias, porque Bernardo subjetivamente é um homem de família, deixar o trabalho remunerado não o desobriga de consumir e, no modo de produção capitalista, o consumo de qualquer produto necessário à sobrevivência dos indivíduos está submetido ao valor de troca.

Quando é focado o conhecimento acadêmico acumulado por Bernardo, surpreende o quanto de penosidade foi vivenciado por ele, ao fazer uso, como instrumento de leitura de sua condição de trabalhador, das técnicas com as quais poderia subordinar seus iguais, em condições de trabalho e de classe. Diante desse enfrentamento decide treinar e testar a eficiência e a eficácia de seu aprendizado no trabalho voluntário.

O nível de especialização alcançado por Bernardo no trabalho voluntário é bastante visível, na medida em que o mesmo desenvolve atividades que permitem o usufruto da confiança de instituições que o contratam para desempenhar funções como coordenador, palestrante e consultor dentro de sua área, portanto é inegável o uso do trabalho voluntário como capacitador de força de trabalho qualificada e compositor de identidades.

Trabalho voluntário para Bernardo e Lúcia, cumpre um lugar de onde retiram soluções para o enfrentamento do presente e construção do futuro; solução que está sendo trilhada por milhares de jovens, que todos os anos adentram ao mercado e esperam alcançar, sustento, prestígio, realização profissional e produção da vida.

2 - Das táticas de reapropriação á satisfação recuperada.

Os sujeitos desse grupo não são apenas representantes de um momento particular, mas da singularidade que afeta a todos nós, portadores da essência de ser humano, portanto, portadores da possibilidade de sofrimento psicológico, toda vez que acontecer a ruptura subjetividade/objetividade e as tentativas de ressignificar se mostrarem vãs e quase insuportáveis. Essas expressões podem advir das promessas e ideais não totalmente alcançados, provocando paralisia, bloqueios e dor, quando aparentemente não há dor.

Vilma e Josimar trilharam o caminho e encontraram no trabalho voluntário, tática poderosa para superar e recuperar o controle da experiência saudável da vida.

Vilma pertence ao grupo de pessoas nascidas anteriormente ao golpe militar, o que lhe confere peculiaridades de gênero, classe e expectativas de vida. Enquanto mulher, foi educada para cuidar do lar; enquanto representante de sua classe, para

usufruir de privilégios econômicos partilhados por uma minoria; e enquanto trabalhador, uma necessidade que se impunha mas deslocada, posta, na esfera do valor, como atividade destinada aos pobres.

A atuação de grupos específicos de militância social e as alterações macro e micro-econômicas permitiram mudanças de papel social, de comportamento, de possibilidades de desejo bem significativas, principalmente para as mulheres de classe média urbana. Mas Vilma pode romper com o tradicional destino das mulheres de classe média e fez do trabalho uma possibilidade real de significar sua vida.

Casamento bem sucedido, filhos saudáveis, ajuda financeira dos genitores e uma carreira promissora, não são suficientes para encobrir constrangimentos e males percebidos a partir do trabalho, mas atingindo todas as outras esferas do cotidiano.

O mal-estar no trabalho advém da insuficiência de significação e valorização, capazes de agregar mecanismos de proteção, no enfrentamento dos conflitos, dos antagonismos e do estranhamento entre criador e criatura. Vilma não encontra no ideal da Justiça razão suficiente para garantias de uma moralidade desejada. Mas salário é moeda que compra e moralmente iguala a todos, então estar no trabalho apenas em busca do salário constitui flagrante imoralidade, porém, como escapar?

Se a imagem refletida no espelho traduz o insuportável, o processo em desenvolvimento das táticas psicológicas de sobrevivência encontra a solução e reinstala o suportável. Para Vilma foi necessário unir trabalho voluntário e doutrina espírita, talvez uma não seja bastante para suturar explicações e satisfações.

Fora da obrigatoriedade do salário, a possibilidade de realização do ideal. Autonomia com responsabilidade e caridade é o paraíso para quem, como Vilma, aprendeu a virtude da caridade instalada nas mãos das classes privilegiadas, com consumo adequado e capaz de elaborar a noção de responsabilidade moral pelos desfavorecidos.

Trabalho voluntário agrega vários estratos da sociedade; empresários, donas de casa, jovens, adultos, realizando ações de solidariedade que permitem a satisfação de variadas demandas políticas, econômicas, sociais, morais e espirituais.

Vilma persegue um ideal religioso de caridade e político de cidadania, descolado das instâncias coletivas clássicas de nossa sociedade (partidos políticos e sindicatos, por exemplo) e espera o crescimento do poder de atuação do terceiro setor para transformações substantivas de forma messiânica, protegido dos embates culturais, religiosos e de classe, não contemplando a historicidade e a diversidade dos fenômenos sociais.

Trabalho voluntário está sendo, para Vilma, lugar das satisfações exitosas, enquanto realização profissional da profissão abortada na escolha possibilitada pelo mercado, permite qualificação e reconhecimento de trabalho compromissado, é lugar de superação e compreensão de ser e estar no mundo.

Josimar, por sua vez, cultiva a lucidez mística de um ideal iluminista, amparado pelo privilégio de classe a que pertence e onde, desde cedo, encontrou no trabalho voluntário a solução exitosa para a ruptura subjetividade/objetividade. Dividir a dádiva do conhecimento é privilégio, não obrigação, não é para o outro, é para si.

Para Josimar, trabalho voluntário também foi lugar de aprendizado e apropriação da identidade de trabalhador, principalmente até a década de setenta, quando amplas camadas da sociedade cultivavam desde cedo o gosto e a responsabilidade pelo trabalho, preservando a diferença entre os gêneros, os meninos fora do ambiente doméstico, as meninas nas franjas do lar.

Josimar amealha ferramentas capazes de assegurar um futuro promissor, podendo cumprir destino de homem provedor e bem sucedido, identifica-se então como trabalhador médico na esfera pública e privada, professor universitário e empresário.

O ideal do *self made man* é fenômeno ilustrativo do modo de produção capitalista, em sua fase heróica, o que é patente no Brasil desde a década de 1940. Sem esperar a providência do Estado ou a providência divina, contando com a própria força de indivíduo empreendedor e com motivações, disciplinas e competências extraídas das profundidades artesianas da própria humanidade, Josimar, tardiamente, busca realizar este ideal.

Josimar tem a exata medida dessa insatisfação e desse vazio, refugia-se então, no privilégio do trabalho voluntário, como garantia de realização plena e satisfação exitosa.

O terceiro setor, através do trabalho voluntário, vem ampliando seus quadros de funcionários qualificados, com isso aumentando sua capacidade de realização formal e de competição no mercado. A motivação que está levando quadros de excelente qualidade para o setor, normalmente está apontada como de fundo emocional, estético, ético ou religioso; para reparação de perdas significativas e/ou cumprimento de agenda com propósitos de participação em projetos políticos e de cidadania. Todos esses motivos podem confluir na busca de uma atuação reparadora, na tentativa de tornar suportável sofrimento psicológico advindo da ruptura subjetividade/objetividade.

Trabalho voluntário é lugar onde a possibilidade de satisfação se coloca de forma quase imediata, sobretudo para quem apresenta história de vida como a de Josimar e Vilma, pois a questão compulsória do salário, da coisa mercadoria, não comparece como necessidade primária e sim como sintoma, abrindo espaço para as questões ideológicas em sua função prática de absorver as contradições estruturais e funcionais, possibilitando que a vida seja vivida de modo mais íntegro.

3 - A reapropriação pela solidariedade.

Conforme Sampaio(1993;2001), os sujeitos deste estudo podem se utilizar de variados modos de reapropriação de forma simultânea. No discurso apresentado um aparentemente inextricável meandro de interdeterminações e interexplicações entre as experiências de trabalho voluntário, de compaixão religiosa e de cidadania política. Mas tudo conflui para a configuração do trabalho voluntário como amplo modo de reapropriação, justificando e dimensionando tanto as outras experiências como os complexos identitários.

A forma como o modo de reapropriação comparece na vida desses sujeitos podem ser classificados como segue:

Se, quanto à natureza, podem ser reais ou mágicos, Josimar e Vilma fazem opção clara pelo real. Eles apontam as contradições, os antagonismos e as insatisfações do trabalho remunerado, mas é na ordem do trabalho que procuram superar os impasses e as atribulações, através do trabalho compromissado, eficiente, eficaz, mas prazeroso e espiritualizado. Sentem-se satisfeitos com o número de pessoas que atendem, com o sucesso dos programas que participam, com a própria capacitação e a de quem com eles trabalha. Buscam, e declaram estar conseguindo, dignidade, satisfação e plenitude.

Se, quanto à operacionalidade, podem ser redutores ou deslocadores, Josimar e Vilma constroem suas soluções de modo complexo, sem qualquer reducionismo ou simplificação, deslocando tudo de maneira poderosa e elaborando um universo alternativo. Equilibristas, mantêm um hemisfério pessoal no mundo do trabalho alienado e outro hemisfério pessoal no mundo do trabalho restaurador da singularidade prazerosa do sujeito.

Se, quanto à temporalidade, podem ser contemporâneos, retrospectivos ou prospectivos, Josimar e Vilma, simultaneamente lançam mão do passado que foi bom e confortável, para iluminar o presente, garantindo transformações satisfatórias para o futuro. Há uma solução temporal de compromisso, mas o pólo dominante é contemporâneo, pois não sacrificam o presente no altar do futuro, como fazem os religiosos idealistas.

A solidariedade é o caminho escolhido por Josimar e Vilma para o enfrentamento dos desafios e dos estranhamentos colocados pela realidade do cotidiano, solidariedade para com os outros e para consigo próprios, a rede que tecem na procura de satisfação protetora da ruptura subjetividade/ objetividade é trama explicitada e presta amparo há tantos outros que se encontram enfrentando sofrimentos materiais indizíveis e a irmandade dos mesmos sofrimentos psicológicos.

As categorias “modo de apropriação” e “modo de reapropriação” resistiram ao teste empírico e evidenciaram uma grande possibilidade de uso na explicação das lógicas envolvendo a prática do trabalho voluntário, no terceiro setor. Como rito de passagem no difícil acesso ao mercado de trabalho, ou como espaço de ressignificação do prazer de trabalhar, o estudo do trabalho voluntário apresenta suas potencialidades reais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Haroldo - **As Novas Configurações do Estado e da Sociedade Civil**. Brasília: CFESS-ABEPSS-UNB., 1999.
- ADORNO, Theodor. et alii - **The Authoritarian Personality** New York: Harper & Row, 1950.
- ALLEN, Ken. - **Discutindo o Trabalho Voluntário no Mundo**. Revista do Terceiro Setor. 2001.
- ANTUNES. Ricardo - **Adeus ao Trabalho**. São Paulo: Cortez, 1995.
- _____ **Os sentidos do Trabalho**. São Paulo: Boitempo, 1999. P.119.
- BOURDIEU, Pierre - **O Desencanto do Mundo**. São Paulo: Perspectiva, 1979. p. 108.
- BRAVERMAN, Harry.-**Trabalho e Capital Monopolista. A degradação do Trabalho no Século XX**. Rio de Janeiro, Guanabara. 1987.
- BREILH, Jaime - **Nuevos Conceptos Y Tecnicas de Investigacion**. Quito: Ceas.1995.p. 44.
- CASEY, John.- **Las Organizaciones no Gubernamentales: su papel em las políticas públicas**. In; Revista De Gestión y análisis de políticas públicas. 1996.n.5-6.
- CASTEL, Robert - **As Metamorfoses da Questão Social**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CARNEIRO, Cleide - **Trabalho de Mulheres: construindo e Reconstruindo Identidades**. Franca: Unesp-FHDSS, 1998.
- CIAMPA, Antônio. - **A Estória do Severino e A História da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 1994.p.177.
- CODO, Wanderley, SAMPAIO, José .J.C. HITOMI, Alberto. **Indivíduo, Trabalho e Sofrimento**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- DIEESE - **Anuário dos Trabalhadores** - Ano2000/2001.

- DRUCKER, Peter. **Dirección de instituciones sin fines de lucro**. Buenos Aires: El Ateneo, 1990.
- ENGELS, Friedrich. - **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. São Paulo: Global, 1984.
- ENGLER, Helen B. Raiz. **Um estudo Sobre a Categoria Homem/Trabalho nos Cursos de Serviço Social Do Estado de São Paulo**. Tese de Doutorado. Mimeo. Franca: 2001.
- FERNANDES, Rubem C. - **Privado Porém Público**. Rio de Janeiro: Relume /Dumará, 1994.
- FERREIRA, Aurélio B. – **Novo Dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GIL, Antônio. - **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1991.
- GRAMSCI, Antonio.- **A Concepção Dialética da História**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.
- IAMAMOTO, M. - O trabalho do A. S Frente às Mudanças do Padrão de Acumulação e Regulação Social. Brasília:CFESS/ABEPSS/ CEAD/UNB. 1999.
- IBARRA, Esteban - **Redes de Cidadanía: Desarrollo Y Retos**. Barcelona: Universidad Autónoma de Barcelona. 1998.
- LANDIM, Leila - “**Experiência Militante: a história das chamadas ONGs**” In: Landim: Ações em Sociedade, Militância, Caridade, Assistência. Rio de Janeiro, ISER/NAU. 1998.
- MATTOSO, Jorge. - **A Desordem no Trabalho**. São Paulo: Página Aberta/Escrita, 1995.
- MARX, Karl - **O Capital. Crítica da Economia Política** - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- MARX, K. & ENGELS, F. – **A Ideologia Alemã**. Lisboa: Presença, s/d.
- MELUCCI, Alberto - **Movimentos Sociais e Sociedade Complexa**. In: Movimentos Sociais na Contemporaneidade. Caderno 2 . São Paulo: PUC, 1997.
- MINAYO, Maria C. - **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. Rio de Janeiro: Hucitec, 1994.

- MILLS, Wright. - **A Nova Classe Média**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p.233.
- MONTANO, Carlos - **Das “lógicas do Estado” às “lógicas da sociedade civil” Estado e “terceiro setor” em questão**. In: Serviço Social & Sociedade. n.59, São Paulo: Cortez, 1999.
- OLIVEIRA, Manfredo.- **A Nova Problemática do Trabalho e a Ética** In: Neoliberalismo e Reestruturação produtiva . São Paulo: Cortez, Fortaleza:UECE, 1996.p. 177.
- ORLANDI, Eni. -**Análise de Discurso**. Campinas: Pontes, 1999.
- RAICHELIS, Raquel. **Assistência Social e esfera Pública:os conselhos no exercício do controle social**. In: Revista Serviço Social & Sociedade, n. 56 São Paulo: Cortez, 1998.
- PNUD .(BID). **Relatório do Desenvolvimento Humano 2000**. Ritz – Rede de Informações para o terceiro Setor. <http://www.ritz.org.br/gestão/ge>.
- KANITZ ASSOCIADOS **Relatório de Pesquisa e Estatística**. Ritz – Rede de Informações para o terceiro Setor. <http://www.ritz.org.br/gestão/ge>.
- SCHAFF, Adam. **La Alienación como Fenómeno Social**. Barcelona: Editorial Critica , 1979.
- SINGER. Paul.- **Globalização e Desemprego. Diagnóstico e Alternativas**. São Paulo: Contexto. 1998. p.15.
- SANTOS, Benedito S. - **Pela Mão de Alice. O Social e o Político na Pós-Modernidade**. São Paulo: Cortez, 1992.
- SIMIONATO, Ivete. - **As Expressões Ideoculturais da Crise Capitalista na Atualidade**. Brasília: CFESS/ABEPSS/ UNB, 1999.p. 84.
- SAMPAIO, José . J. C. **Epidemiologia da Imprecisão: processo saúde/doença mental com o objeto da epidemiologia**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998.
- _____**Trabalho e Sofrimento Psíquico em Petroleiros de Produção: Subjetivismo, Penosidade e Conformismo**. Tese de Professor Titular. Mimeo. Fortaleza: 2001.
- SPOSATI, Aldaisa - **Serviço Social em Tempos de Democracia**. In: Serviço & Sociedade. n. 39, São Pulo, Cortez, 1992.

VIDAL, Josep Pont - **Los Movimientos Sociales: Propuestas de Aproximacion Teórica.** Barcelona . Universidad Autônoma de Barcelona. 1997.

_____, **Actores Colectivos Y Politicas Sociales. Estudio de casos: España Y Alemania** .Mimeo, Facultad Ciencias Y Sociologia, Universidad Autônoma de Barcelona., 2001, p. 63.

YAZBEK, Maria C. - **A Política Social Brasileira nos anos 90: A refilantropização da questão social.** In: Caderno de Textos. Brasília: MPAS, 1995.